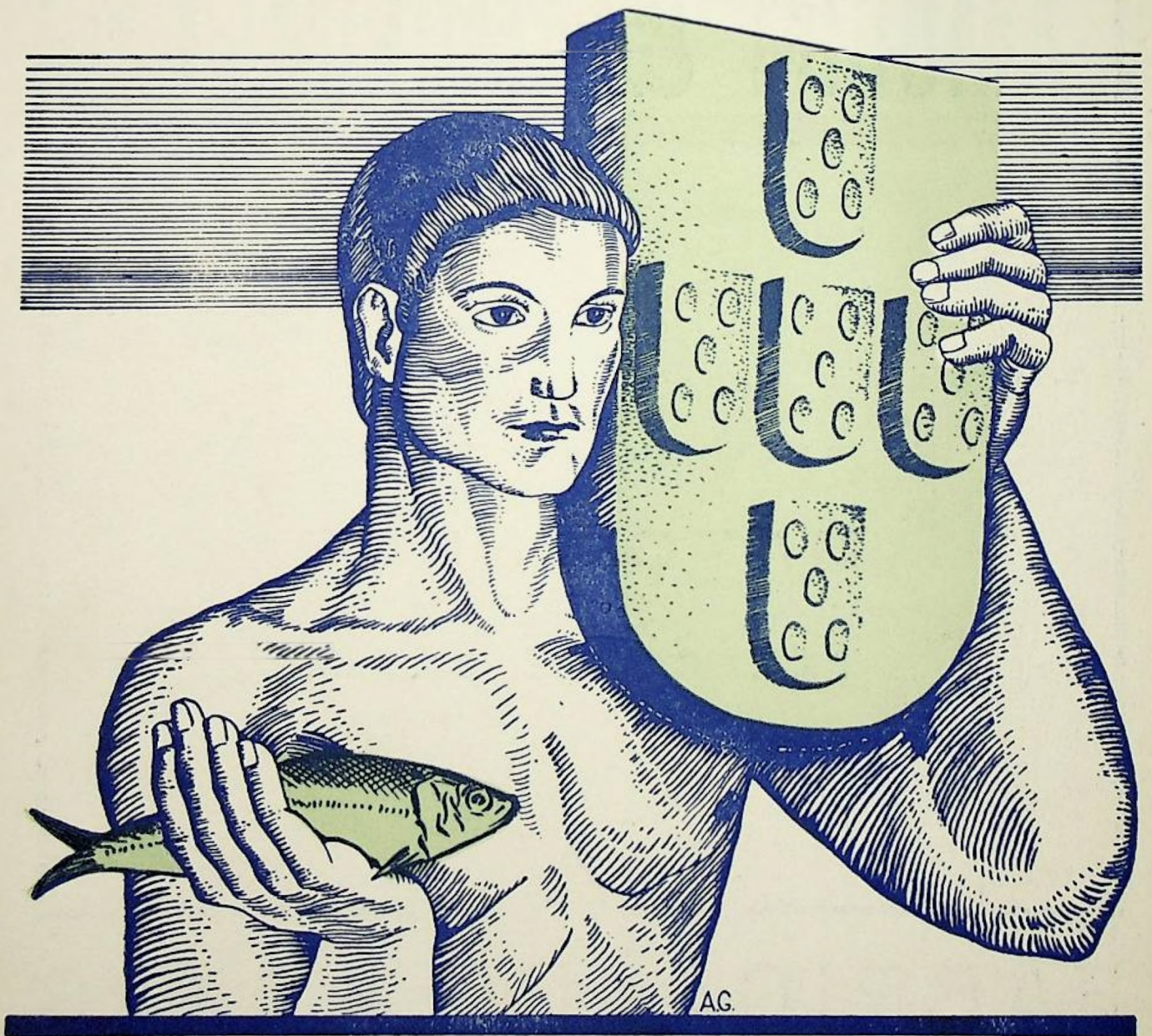


# CONSERVAS

REVISTA MENSAL DA INDÚSTRIA PORTUGUESA DE CONSERVAS  
(FUNDADA PELOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS)

ANO V  
N.º 57

SETEMBRO  
1940



**O escudo das sardinhas portuguesas  
em todo o mundo — é a sua qualidade**

LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES

**AMORIM & AMORIM, L.<sup>DA</sup>**

*Avenida Menéres, 542*

**MATOZINHOS**

TELEFONE, 329-M

FÁBRICA DE LATAS



FUNDADA EM 1920



MARCA REGIST.

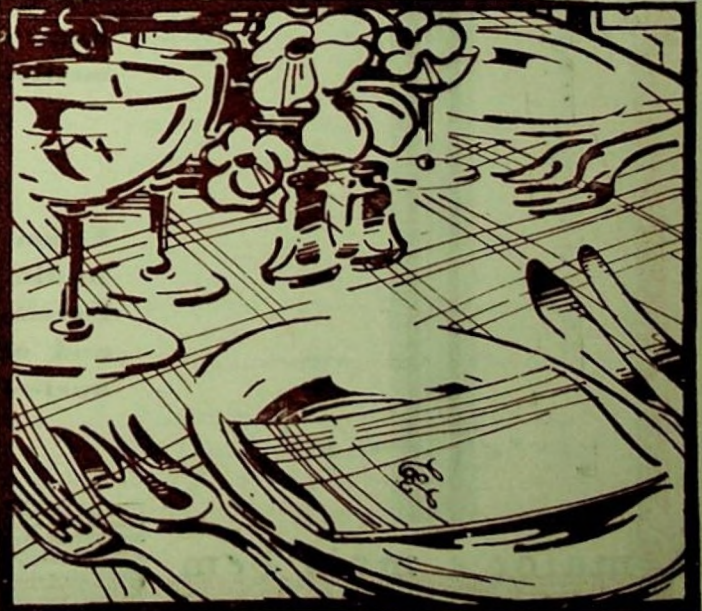
# CASEBRE

*conservas*



CASEBRE & C. L.  
FABRICA DE CONSERVAS  
A INDEPENDENCIA  
MATOZINHOS - TLF. 51

MARCAS:  
VENKEDOR - SARDINHAS  
SAFRA - CASEBRE  
INDEPENDENCIA  
E VENI VICI







**Affonso Barbosa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

**AVENIDA MENÉRES, 101**

**MATOZINHOS**

TELEGRAMAS

**FONBAR**

TELEFONE

**75 - M**

**MATÉRIAS PRIMAS PARA A  
INDUSTRIA DAS CONSERVAS**

**Sociedade la Artistica**

**LIMITADA**

**Manufacturas  
de  
Borracha**

FÁBRICA DE ANILHAS DE  
BORRACHA PARA O FECHO  
HERMÉTICO DAS LATAS  
DE CONSERVAS E CHAVES  
PARA AS MESMAS.

**Valença do Minho**

**A SOCIAL**

Capital Esc. 500.000\$00

**Comp.<sup>a</sup> Portuguesa de Seguros**

**S. A. R. L.**

SÉDE:— Rua de Cândido dos Reis, 42

PORTO—(Palácio Conde de Vizela)

**Pósto de Socorros:**

PORTO — Rua de Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua de Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua de Roberto Ivens, 429

Preferida pela organização  
da sua assistência para os

**Seguros contra desastres no trabalho**

---

Hors d'œuvre Sans "Sagrália" pas complet

Sardines exquisas...  
quelques marques célèbres

"SAGRALIA" - "TORRES"  
"MARIASINHA" - "SALVE"  
"JOSIRES" - "ONDINA"  
"BALIO" - "MINHO"

ADRESSE:

Empresa de Pesca e Conservas  
"SAGRADA FAMILIA"  
Mr. JOSÉ DA SILVA TORRES  
RUA GUERRA JUNQUEIRO N.º 356  
MATOZINHOS (Portugal)



---

# INLAND STEEL COMPANY

CHICAGO ————— U. S. A.

Uma das mais importantes organizações produtoras de  
**FOLHA DE FLANDRES**  
dos Estados Unidos da América e do Mundo

Agente exclusivo para todo o império Português:

Sociedade de Iniciativa Mercantil, L.<sup>da</sup>

(S. I. M. E.)

Rua da Conceição, 17-1.º

Telefone P. B. X. 24366 — LISBOA

SUB-AGENTE NO NORTE:

**AFFONSO BARBOSA & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

TELEFONES

Matozinhos, 75

Porto, 6775

SARDINE PACKERS

**GUEDES & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**

MARCAS:

GUEDES  
RIVAL  
OURO DO MAR  
RABELA  
FELGAS  
CRUZADA  
DALILA

Sardinhas em Azeite

TELEFONE, 121-M  
TELEGRAMAS: RIVAL



Rua João Chagas  
**MATOZINHOS**  
Portugal

**LA ROSE**

Sardines, thon  
et filets de  
Maquereaux



**FEU HERMANOS**  
PORTIMÃO — Portugal  
Télogra: FEU — PORTIMÃO

LA REINE DES MARQUES

# CUNHA FERREIRA J. Vieira Coelho, Silva & C.ª, L.ª

CASA FUNDADA EM 1880

Teleg.: BREVETS

Telefone, 2 5034

Litografia e Fabricação Mecânica  
de embalagens em fôlha de Flandres

Escritório e Fábrica:

**RUA DA MEDITAÇÃO**

Telefone  
**15.106**

**P O R T O**

## Marcas e Patentes

em Portugal-Colónias-Estrangeiro

*Correspondentes em todos os países*

Largo do Corpo Santo, 27 — LISBOA



Sardinhas Portugêças

Endereço teleg.: LUÇAS  
Telefone, 118-M  
Apartado n.º 6

# Luças

Códigos } Ribeiro  
ABC 6.ª Ed:  
Particular

## Joaquim Ferreira Pedro Luças & Filhos

*Espécialité en sardines pressées et anchoix en saumure*

Marques déposées:

**MAURICIA  
LUÇAS**

**MATOZINHOS  
Portugal**

# CONSERVAS

Os artigos assinados  
são da responsabili-  
dade dos seus autores

Visado pela Comissão de Censura

PROPRIEDADE DO GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DE CONSERVAS DE PEIXE DO NORTE

Redacção e Administração: Rua Guerra Junqueiro, 509—Telefone, M-359—MATOZINHOS

ANO V      SETEMBRO 1940      N.º 57

DIRECTOR E EDITOR: ABILIO C. DA SILVA

Conselho de Direcção  
José A. Mora  
Ernani Gomes  
Joaquim Maia

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA LEIXÕES—R. BRITO CAPELO 335—MATOZINHOS

## == Problemas da Hora Presente ==

É preciso trabalhar mais e produzir mais  
O Horário de Trabalho e o Condicionamento da Indústria

**P**ORTUGAL, por virtude de circunstâncias felizes em que a sua prudente e hábil orientação política tem carácter de primacial relêvo, encontra-se no gôso de uma excepcional situação perante os restantes países produtores da Europa. Não queremos aludir sómente ao bendito sossêgo e abençoada abundância que usufruímos; queremos frizar particularmente a privilegiada posição de que dispomos para a exportação, relativamente fácil, dos nossos produtos. E se dizemos relativamente fácil é porque nos lembramos das dificuldades insuperáveis que outros países europeus encontram na pretendida colocação dos seus artigos.

Pois bem; no capítulo da elaboração de sardinhas de conserva o nosso país ocupa hoje o invejável lugar de fornecedor mais importante. Os mercados compradores de uma pequena parte da Europa e de ambas as Américas começam a fixar o seu olhar interessado nas praias portuguesas. Começaram a vêr que só Portugal lhes pode fornecer a mercadoria de que precisam, não só porque os outros países produtores não estão em condições de lhes mandarem as quantidades necessárias, mas também porque a

navegação se tornou mais propícia do nosso lado.

♦ ♦ ♦

Marrocos, que no ano passado tanto prejudicou a exportação portuguesa, não pode êste ano competir connosco. A pesca do arenque, não se pode fazer actualmente como nos tempos normais, nem a Holanda pode agora fornecer o mercado com os saborosos *Kippers* tão apreciados por tôda a população britânica.

?Que resta fazer?

♦ ♦ ♦

O que há a fazer é o que a própria lógica nos indica: intensificar a produção. Com o seu habitual sentido de previsão, o Sr. Dr. Oliveira Salazar proclamou-o num dos seus discursos do fim do ano passado.

Disse S. Ex.<sup>a</sup> que **“a melhor forma e a mais fácil de satisfazer o inevitável acréscimo de encargos que necessariamente hão de criar-se para repôr o volume de riquezas que a guerra consume, e para pagar a nossa parte nos gastos, consiste, por ser a mais barata**

# Cooperação Construtiva

## OS ESTUDIOSOS

Por José A. Mora



UANDO se emprega o termo *estudiosos* em forma irónica ou de chacota, por a simples razão de discrepar de uma opinião, podemos estar certos de que quem tal escreve carece de argu-

mentos sólidos para se opôr àquêles que por necessidade, por hábito ou por justificação, estudam realmente.

Os estudiosos são aquêles que costumam rezolver os problemas que tôda a vida comercial e industrial apresenta, e é sabido que as suas resoluções são muitas vezes aproveitadas por aquêles que não estudam nada.

**e a mais cômoda, em produzir mais, trabalhar mais e fazer com que o nosso trabalho tenha o maior rendimento”.**

♦♦♦

O *produzir mais, e o fazer com que o nosso trabalho tenha o maior rendimento*, não depende do industrial. Depende das entidades que regulamentam a indústria: depende da lei do trabalho e das que condicionam o apetrechamento mecânico dos fabricantes de conservas.

Para se *produzir mais*, como preconisa o Sr. Presidente do Ministério, é indispensável que o horário de trabalho seja revisto, e que desapareça a perturbante dificuldade de se instalarem as máquinas e os utensílios que o desenvolvimento da indústria, e as suas exigências modernistas e higiênicas requerem.

Para que a economia nacional aproveite da excepcional situação favorável que atra-

São os que estão sempre dispostos a colaborar sem pretensões, e somente porque assim cumprem os seus deveres. São os que, em vez de comodismo resultante da passividade, se preocupam consigo e com os demais.

São os eternos carolas de todos os tempos e de todas as partes, que nunca duvidam em pôr à disposição dos outros as suas energias e o seu pouco ou muito valimento.

São os que em política mostram a cara e marcham em frente para marcar idealismos e doutrinas; no comércio: rumos; na indústria: alterações convincentes.

São também os que acodem à chamada dos seus superiores quando êstes, apesar de todos os artigos que constam dos decretos e

vessamos, é indispensável e urgente que se retirem as algêmas que têm manietado o industrial de conservas, impedindo-o de desenvolver e aperfeiçoar a sua indústria ao ritmo e aceleração que a sua actividade produziu ou as circunstâncias criaram.

E é urgente e indispensável que o actual regime das horas de trabalho seja modificado e adaptado às condições de vida que hoje dominam o mundo.



*Anunciai em «Conservas», e depressa colhereis o fruto.*

# Rosas E... Espinhos



M «A Indústria», de Setúbal, de 12 de Agosto lêmos um «A Propósito dos Entrepósitos» que nos deixou desconcertados.

Aquilo chama-se, na nossa terra, «puxar a braza para a sua sardinha», o que sem dúvida é prático para quem as comer assadas.

¿E que dirá o amigo «M.» de Setúbal ao lêr o tal *despropósito*?

Porque o nosso gentil amigo pensou já, assim o crêmos, em desmentir a paternidade nortenha da sua própria firma.

Nós temos demonstrado sempre que em «Conservas» há hospitalidade para todas as opiniões firmadas, mas não podemos consentir que, sabendo «A Indústria» que o seu habi-

tual colaborador é de Setúbal, atribua ao norte opiniões que nunca publicou. Nestas circunstâncias não é pedir muito a «M.» que põha as coisas no seu lugar.

A cada um o que lhe pertence.

♦♦♦

Num exame infantil, o professor pede aos alunos que lhe expliquem o que entendem por *voto*, *veto* e *bota*.

—O voto é a expressão equânime do nosso pensamento ou parecer em qualquer assunto sôbre o qual nos pedem a nossa opinião e temos o dever de a dar.

—O veto é um direito que as leis concedem a determinados elementos directivos.

—A bota... A bota serve para encher de vinho ou outro líquido e é muito apropriada para excursões. Com a bota dão

da amplitude das suas faculdades, pretendem auscultar o pensamento dos interessados.

São os que sabem, experimentalmente, como é difícil congraçar todas as vontades; difícil vencer a resistência dos eternos descontentes; difícil julgar sem grave prejuizo de ferir interesses criados e, enfim, difícil construir quando os materiais não têm a precisa estabilidade.

A nós parece-nos que em todas as disposições decretadas não tem a direcção do Instituto pontos de apoio suficientemente firmes para desenvolver no seu próprio seio as medidas a que se tem referido o Sr. M. E parece-nos também que, embora as tivesse concretas e definidas, fez extraordinariamente bem em consultar os directamente interessados, pois o I. P. C. P., auscultando os industriais, fica conhecendo as suas tendências, as suas orientações e os seus modos de ver no assunto consultado. Fica assim com elementos de juizo bastantes para se pronun-

ciar quando o momento torne *necessário* o que hoje se considera *desnecessário*. E pode assim continuar a fazer observações à margem do projecto, observações que o melhorem e que mais o harmonizem. E já pode, em suma, formar um juizo que presidirá amanhã aos seus trabalhos de orientação sã e eficás.

Nós negamos carácter de *estudiosos* aos que são contrários a tudo aquilo que não nasceu da sua própria iniciativa—assim como o negamos aos passivos e aos indiferentes.

O indivíduo que estuda demonstra boa vontade, desejo de ser útil e procura acertar.

Rezumindo: os *estudiosos* são necessários em todos os campos e em todas as actividades, embora a sua boa fé passe, aos olhos de alguns, como inutilidade, ou mesmo como contrário a êsse sentimento de prazer e bem-estar de que se pretende fazer-nos participantes retardando-se o que um dia terá de pedir-se insistentemente.

pontapés os desportistas que jogam a bola. Também se chama bota a que os caçadores calçam, quer seja para andar em pleno bosque ou para andar nas cidades. Bota é ainda uma medida de sardinha na costa de Ayamonte.

—Muito bem; agora peço-vos que procureis outros significados.

—Voto é promessa soléne, juramento, oferenda em cumprimento de promessa.

—Veto é proibição, recusa, opposição.

—Bota é um trabalhador do norte que se apresenta como jornaleiro no Alentejo, sem ser contratado. Ainda conhecemos os botas-de-elástico, os bota-fora, os bota-abaixo e outras botas sem importância.

—Quando cumprimos uma promessa feita em momento de perigo porque nos lembramos do que há de sôbre-humano, dizemos que é nosso ex-voto. Representa isto concordar com o milagre.

—Às vezes o voto passa a ser um simples caso aritmético de falsa posição.

—Noutros casos o voto é cerceado pelo veto e resulta em bota.

—Qualquer que seja a circunstância em que se emite um voto, vá com êle a nossa consciência, mas nem sempre a consciência de quem o recolhe, o ausculta ou o pede.

—Muito bem; ficam todos aprovados com 19 valores.

◆◆◆

Já nos tínhamos esquecido de que há dois anos o I. P. C. P. está a montar em Lisboa uma fábrica modelo. Modelo em maquinismos, modelos em processos de fabricação, modelo em contabilidade administrativa e, enfim, uma fábrica de que todos teremos que ufanarmo-nos, porque se insurgirá contra o rotinismo e será um nôvo factor do nosso progresso industrial, mais necessário do que muita gente cuida.

Esta louvável iniciativa do I. P. C. P. bem cêdo dará magníficos resultados.

Esperamos para breve a sua inauguração.

◆◆◆

Com a fábrica modelo, porque também

será um modelo de economia e de administração, se resolve um grave problema entre os industriais. O I. P. C. P. vai ficar a saber por si mesmo o preço de custo dos produtos e então poderá, com conhecimento exacto das coisas, determinar aquêle preço *mínimo* que tam mal faz a determinados elementos da indústria e da exportação.

E aqui se vê como a realidade vai impôr-se e vencer por seu próprio valôr.

◆◆◆

Queríamos lembrar-nos que é preciso viver das realidades e dentro delas. Os raios de luz podem, realmente, vir de muitas partes, mas férem menos os olhos se fôrem coados através dos cristais dos nossos organismos, porque assim veremos as coisas da côr que mais nos convém. Aquêles que saem da realidade, é como se quizessem ver com óculos nêgros. Estes vêem nêgra uma rosa de côres tenues claras. Vêem nêgro o futuro, porque os olhos da sua alma são nêgros.

Colocai nos olhos óculos verdes: vereis tudo côr de esperança. E' esta a recomendação dos otimistas.

◆◆◆

«Todas as paixões, para lograr o seu objectivo, exigem qualquer coisa; só a preguiça não exige nada».

«Os cálculos baseados sôbre o interêsse em opposição à moral, estão muito expostos a falir».

«Quando tratamos de executar alguma coisa, as paixões são às vezes um auxiliar excelente; mas para a preparar em nosso entendimento, são conselheiros muito perigosos».

«A melhor vingança é a que dela se triunfa à fôrça de generosidade».

«A corruptora inveja, ao destruir reputações, ao empenhar-se em ofuscar com o seu impuro alento os resplendores de um eminente mérito, fala de amôr à verdade e de imparcialidade».

**SARDINES**  
IN OIL



**SARDINES**  
IN TOMATO

**FACOLE** -- FÁBRICA DE CONSERVAS LEIXÕES, Lda.  
MATOZINHOS  
PORTUGAL

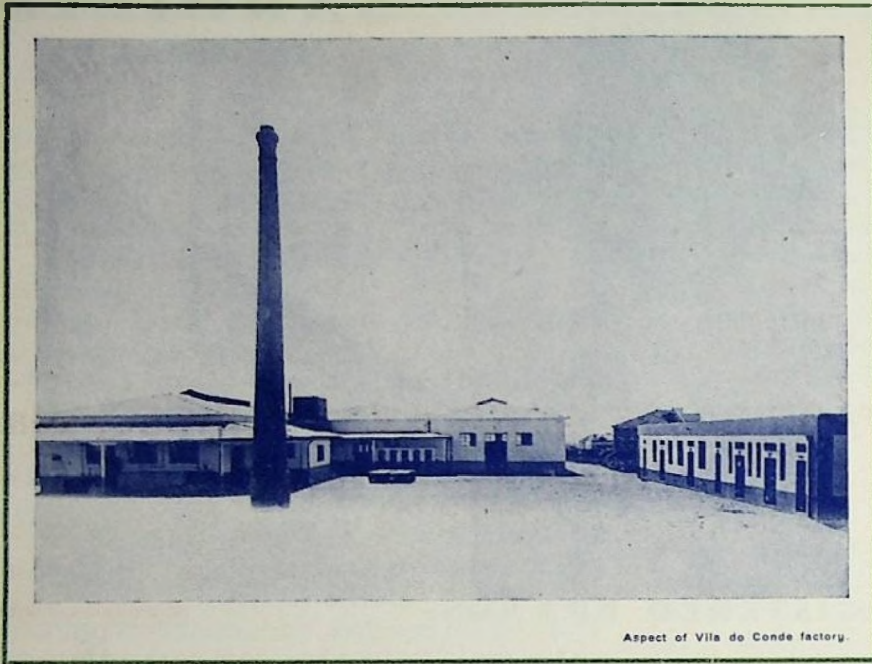
REGISTERED BRANDS:



TELEGRAMS: **FACOLE**  
MATOZINHOS

TELEPHONE M. 359

P. O. BOX 29



Aspect of Vila do Conde factory.

# Fábrica de Conservas "AVIZ"

Edmundo Ferreira

HEAD OFFICE:

**364, Avenida da Republica,  
Matozinhos (Portugal)**

*The most modern  
and hygienic  
installations  
in the Country.*



FACTORY IN

**Portas Fronhas,  
Vila do Conde (Portugal)**

Registered Brands:

**AVIZ  
PORTO  
VÉSPER  
DÉSIRABLE  
SÓ**

*We pride ourselves on the scrupulous cleanliness, the perfect hygiene and thoroughness with which the sardines are prepared in our factory. We are thus able to fulfil all the requirements and exigencies of the most rigorous sanitary authority.*

*For this reason, we are especially able, and above any other factory in Portugal, to cater for the first-class requirements of the English and American markets.*

*We have done everything possible to transform our installations into genuinely model kitchens for the preparation of our different brands.*

*And if we have already achieved something which reveals our great desire to satisfy, we are still intent on doing as much again with the purpose always to uphold the prestige of the PORTUGUESE CANNING INDUSTRY.*

♦♦♦

«As paixões foram dadas ao homem como meios de o despertar e pô-lo em movimento: como instrumentos utilizáveis nas suas acções, mas não como directoras do seu espirito, não como guias da sua conduta, que deve governar-se por regras constantes; na moral, pelas máximas da eterna verdade, no útil, pelos conselhos da razão sã».

♦♦♦

«Nada há mais arriscado do que julgar uma acção, e sobretudo da intenção, por meras aparências; o curso ordinário das coisas torna tam complicados os sucessos! Os homens encontram-se em situações tam várias, operam por tam distintos motivos, vêm os objectos de maneira tam diferente, que a miúdo nos parece um castelo fantástico aquilo que, examinado de perto e com presença das circunstâncias, se acha o mais natural, o mais simples e arrumado».

♦♦♦

«No trato ordinário, encontramos com freqüência laboriosos raciocinadores que conduzem o seu discurso com certa aparência de rigôr e exactidão, e que por êle guiado o fio enganoso vão parar num soléne dislate. Não lhes falta análise; mas só se fixam numa parte do prisma e, se pensam em todas, não se lembram de que foram feitas para estar unidas, que estão destinadas a manter estreitas relações, e que quando isso não se tem em conta um prodígio se converte facilmente num monstro».—Balmes.

♦♦♦

Gay Lussac, dispondo um grão de uva num reservatório em que se havia feito o vazio, observou que não fermentava enquanto o ar não tornava a penetrar na boceta; deduziu, portanto, que o oxigénio era o «excitador natural» de toda a fermentação.

♦♦♦

Igualmente Liebig determinou, observando

a acção do coágulo sobre o leite e da levedura sobre a cerveja, que «em geral, todas as matérias em fermentação, animais e vegetais, comunicam aos outros corpos o estado de decomposição em que elas se encontram; o movimento que por perturbação de equilibrio experimentam os seus elementos, transmite-se de igual maneira aos elementos dos corpos com os quais estão em contacto».

♦♦♦

Devemos a Pasteur (1862) a explicação experimental dos factos que Appert e outros apresentou, e que até então pareciam obscuros e duvidosos.

♦♦♦

Schwann, Ure e Helmholtz tinham observado que «o ar aquecido ao rubro, em contacto com uma substância capaz de se decompôr, opõe-se a toda a classe de fermentação».

♦♦♦

Em 1859, porém, Schroeder e Dusch interrogaram-se se as fermentações eram devidas «a germens microscópicos disseminados no ar, ou a substâncias químicas ainda desconhecidas».

♦♦♦

Em 1804 foi publicado o primeiro tratado de conservas por Appert, que repete em 1836 com uma perfeição sem igual. O seu processo genial de conservação ainda hoje perdura, mas se o processo ainda é actualmente usado, é bem certo que os meios para o realizar têm sofrido e sofrem continuamente grandes variantes e transformações.

Um dia nos ocuparemos de tais extremos.

*Andorinha*



# “Conservas” em Setúbal

**Protecção à infância** Até há cerca de dois anos o Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas desta cidade manteve, na sua sede, uma escola mista com quatro professores, a qual era frequentada por mais de 200 alunos, de ambos os sexos, filhos de operários conserveiros. Mercê de dificuldades financeiras, o Sindicato foi obrigado a restringir a frequência da escola, dispensando três professores e mantendo um único que ministra o ensino a pouco mais de 30 crianças.

Com o desejo, porém, de continuar a contribuir para a extinção do analfabetismo, a bem do prestígio, sempre crescente, do Estado Corporativo, pensou aquêlê organismo solicitar a cooperação do Grémio dos Industriais de Setúbal, o qual se prontificou a cedêr 3 salas do edifício onde funciona a cantina destinada aos filhos menores dos operários da indústria de conservas. Assim, o Grémio cederia a casa e um parque de recreio para o funcionamento de três escolas de seis lugares, em regime de separação de sexos, e o Sindicato forneceria o mobiliário e o material didactico. O Grémio compromete-se, ainda, a pagar a verba de expediente e limpeza.

Desta forma, proporcionar-se-ia o ensino, eficazmente fiscalizado pelas entidades officiais competentes; os filhos dos operários conserveiros não ficariam privados do utilíssimo benefício da instrução, e o Grémio e o Sindicato envidariam, conjuntamente, os seus esforços no sentido de serem criados um curso de canto coral e outro de ginástica, dirigidos por professores de competência e sob a orientação dos directores das escolas.

Além disto, os dois organismos forneceriam, conforme prometeram já, também, gratuitamente, fardamentos da «Mocidade Portuguesa» a todos os alunos.

A efectivação desta iniciativa, digna, por mais dum título, de inteiro louvôr e de todo o apoio, está dependente do parecer da Direcção Geral do Ensino Primário e da sanção do sr. ministro da Educação Nacional, que não deixarão, de-certo, de lhe dispensar a necessária aprovação.

Verdadeira obra de protecção e de ternura pelas crianças desprotegidas, ela revela, sem dúvida, além do perfeito espirito de entendimento e de colaboração que se mantém entre as direcções dos organismos trabalhador e patronal, sempre e sobretudo neste capítulo, e a confirmar outros

magníficos actos de generosidade a favor da infância, o carinho que à classe dos industriais merecem os filhos dos seus operários.

## **Contrato Colectivo de Trabalho**

Entre o Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Centro, com sede em Lisboa, e o Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal (Secção de Almada) foi assinado um nôvo contrato colectivo de trabalho, que abrange os Centros do Seixal, Almada, Trafaria, Pôrto Brandão e Sezimbra, em substituição do que vigorava anteriormente.

Este contrato, tal como os estabelecidos para os demais Centros do País, dá incontestáveis regalias ao pessoal operário, em complemento do despacho sôbre salários mínimos, há pouco publicado.

Ao acto, a que presidiram os srs. drs. Judge da Costa, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, em Setúbal, e Salvador Lucena, Delegado do Govêrno junto dos Grêmios, estiveram presentes os srs. Alfredo Augusto de Almeida, Casimiro Lúcio de Oliveira, João Pereira da Cruz, Ismael Rodrigues e António Cambaio, tendo os três primeiros firmado o contrato em nome dos industriais e os últimos pelos operários.

Usaram da palavra os srs. Delegado do Govêrno e do I. N. T. P. e os presidentes do Grémio e do Sindicato de Setúbal, que realçaram as vantagens que do nôvo contrato resultam para o pessoal e a manifesta boa vontade por parte dos industriais, a-pezar-da incerteza quanto ao futuro da indústria, em face da crise que a Europa atravessa presentemente.

## **Aumento de salário aos operários conserveiros**

Por despacho de 3 de Julho p. p.º do sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, foi autorizado o aumento de salários para o pessoal da indústria de todos os centros conserveiros do País, excepto o de Setúbal, onde êsse aumento foi ajustado, depois da revisão das condições de trabalho para a presente campanha de fabrico, entre o Sindicato e o Grémio, com o qual—repita-se de passagem—o organismo obreiro continua a manter as mais estreitas e cordeais relações.

No referido despacho lê-se que «não há motivo para que em Matozinhos se continuem a pagar salários diferentes dos de Setúbal e é até esta a ocasião oportuna para se promover o justo nivelamento da remuneração da mão de obra nos dois centros industriais» (1).

O presidente do Sindicato de Setúbal fez, a-propósito, as seguintes afirmações a um redactor do diário local:

«Cabe dizer que encontrámos sempre e até final a melhor vontade da parte da Direcção do Grémio e que não nos faltou, igualmente o valioso apoio e a inteligente cooperação do digno Delegado do I. N. T. nesta cidade, sr. dr. Bernardo Judice da Costa.

«A solicitação deste benefício foi votada na reunião dos delegados operários conserveiros de todo o País, efectuada em Março do ano corrente, nesta cidade».

O aumento foi de 10% para os operários do sexo masculino e para as mulheres que trabalham nas máquinas. Para as operárias do quadro auxiliar o acréscimo foi de 5%, isto é, mais meio tostão por hora.

O aumento de salário começou a ser pago na última semana do mês de Julho findo.

Na delegação do Instituto Nacional do Trabalho reuniram-se, no dia 13, os presidentes das direcções do Grémio dos Industriais e do Sindicato Nacional dos Operários, respectivamente, srs. Mário Lêdo e Ismael Rodrigues, a-fim-de se procurar um acôrdo quanto à situação dos soldados de vazio completo e montadores de tiras, aos quais o despacho em questão não faz referência especial, tendo ficado assente o aumento sobre os actuais salários de 10 centavos por cada cento de latas ou de tiras.

Deste acôrdo ficou a direcção do Grémio encarregada de fazer as respectivas tabelas, para conhecimento dos seus associados.

**A produção de lata vazia** Foi tornado público que a direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe, desta cidade, vai convocar as direcções dos Grémios da mesma indústria de todos os Centros conserveiros do País, para se ocuparem, em reunião do Conselho Geral do I. P. C. P., do problema da lata vazia e das disposições do decreto recentemente publicado acerca do assunto.

Pelo Contrato Colectivo de Trabalho, assinado em Março último, os industriais têm de pagar, aos trabalhadores e ao pessoal das «prensas» e das «tesouras», 16\$00 por dia, agora

agravados com 10 por cento, ao passo que as oficinas de latoaria para as fábricas de conservas pagam, pelo mesmo trabalho, 12 a 14 escudos.

Acresce, ainda, o § 1.º da Cláusula IV do Contrato proibir a aprendizagem de soldados ou de montadores de tiras e o decreto do sr. ministro do Comércio e Indústria não permitir a instalação de novas máquinas, do que poderá resultar certo prejuizo futuro para a indústria de conservas, em consequência da falta de soldados.

**A falta de sardinha** A sardinha tem faltado, ultimamente, na costa de Setúbal. O facto é atribuído ao claro da Lua nas noites de Agosto.

Em Sesimbra e em Sines, porém, continua a aparecer algum peixe, parte do qual tem sido transportado para esta cidade, vendendo-se entre 35 e 40 escudos a caixa de 600 sardinhas.

O preço da canastra de peixe frêsko pescado nas águas de Setúbal tem regulado por 55\$00 e 60\$00, como ainda hoje, que apareceram na lota industrial umas 20 embarcações com sardinha, número que há bastantes dias ali se não registava.

Nas fábricas o movimento permanece indeciso. Os negócios são um tanto resumidos e de pequeno tómo, devido à escassês do pescado e à situação internacional.

Embora o estado geral do nosso meio industrial seja de certo modo frouxo, pelas razões apontadas, é no entretanto prometedor, ao que parece, pelo horizonte se apresentar favorável quanto ao rumo de operações futuras.

Segundo noticias tornadas recentemente públicas, os Estados Unidos da América vão começar a importar de Portugal, além de outros produtos, grandes quantidades de conservas de peixe.

**Uma iniciativa do Grémio dos Industriais de Setúbal** Por iniciativa e a expensas do Grémio dos Industriais de Con-

servas de Peixe, de Setúbal, os operários e operárias conserveiros desta cidade vão ter ocasião de visitar a Exposição Histórica do Mundo Português, para o que se estão preparando dois comboios especiais; que no primeiro e segundo domingos do próximo mês de Setembro levarão à capital, com todas as despesas pagas pelo Grémio, entre 2.000 a 2.500 trabalhadores de ambos os sexos.

Os comboios ligarão no Barreiro com vapores que desembarcarão os excursionistas directamente no recinto da Exposição.

A simpática ideia dos industriais setubalenses é digna de louvôr e tem sido apreciada com aplauso geral.

Jorge Claro

(1) Nota da redacção: os salários em Matozinhos não são inferiores nos de Setúbal; estão perfeitamente equiparados.

# “CONSERVAS” na América do Norte

## *Arrolamento da Expansão Comercial e Problemas nas Exportações de Portugal e Colónias para os Estados Unidos da América do Norte*

### III

#### Frutas com possibilidades de expansão

Se bem que achamos impraticável a venda de algumas das frutas portuguesas para este mercado, isto porque as colheitas são exactamente no forte da abundância doméstica aqui, também não há razão para que se não procure eliminar os obstáculos que ainda dificultam as nossas exportações de *castanha, melão, amêndoa e figo*. Não falamos do ananaz de S. Miguel por sabermos que está fóra da base de concorrência. O custo da cultura torna complicadíssimo o problema.

Como presentemente está sendo debatido o fracasso com as exportações de castanha a este mercado, aproveitamos esta oportunidade para esclarecer alguns factos da nossa experiência, que classificaremos:

1—**Atrazo nas Exportações:** Geralmente, só começam a chegar aqui as primeiras remessas da nossa fruta nos princípios de Dezembro, o que por tal acreditamos haver grande perda de tempo entre o período da colheita e a exportação. (As primeiras remessas da italiana quasi sempre chegam nos fins de Setembro).

2—**Insuficiência no Expurgo:** Continua a ser um dos grandes obstáculos. Aproximadamente 50% das 1.000 toneladas aqui recebidas na última época foram aqui novamente expurgadas, isto por na inspecção oficial terem apresentado parasitas vivos. Esta inconveniência, além de considerável despêsa, traz quebras, demora na venda e conseqüentemente, no geral, grandes prejuizos aos exportadores.

3—**Consignatários:** A maioria dos que aqui vêm recebendo a castanha portuguesa não têm responsabilidade perante o exportador, isto porque conseguem as consignações

por intermédio de terceiros (os angariadores) a quem estes pagam uma comissão. Esta e outras modalidades contribuem para que não defendam o preço de venda e, em muitos casos, a desmoralização do mercado.

4—**Quantidades Demasiadas:** Não duvidamos em afirmar que é praticável a venda aqui de mais de 2.000 toneladas da nossa castanha, no entanto, para isso se conseguir com sucesso remunerativo, é indispensável o envio de carregamentos parciais a chegar aqui nos princípios de Novembro até fins de Dezembro. Continuando os exportadores a praticar os erros cometidos na última colheita, nada podem esperar a não ser a experiência do passado.

5—**Embalagens e Despachos:** Conquanto assuntos secundários, o Grémio dos Exportadores ou a Junta Nacional das Frutas deve, na nossa opinião, fornecer instruções inteligentes sobre estes também importantes assuntos, isto para evitar que os exportadores continuem a fazer remessas sem marcação e documentação que esta mercadoria requiere. Para solução recomendamos:

- (a) Tornar obrigatório uma marca para cada exportador, cuja fôsse sempre visível em todos os volumes, quere por etiquetas de lata ou por gravura a fogo.
- (b) Uma marcação diferente para cada lote, ainda mesmo que num só Conhecimento de Carga remêtam vários lotes.
- (c) Discriminação dos vários lotes e



*"Pinhais"*  
*a que todos disputam!*



AVENIDA MENÉRES, 101  
MATOZINHOS-PORTUGAL

Fabricantes de Sardinhas

NAS MARCAS

em azeite e em tomate

«SARDINAL»

«4 S S S S»

# Antonio Rodrigues de Souza

DESPACHANTE  
OFICIAL  
NA

Telefones n.º 35, 159 e 24-M — Endereço Telegráfico: «ANTOS» — Leixões  
Escritório: CAIS DO MOLHE NORTE

## Delegação de Leixões

LEÇA DA PALMEIRA — LEIXÕES

Delegado no Porto da

## Companhia Geral de Angola

ESCRITÓRIO NO PORTO:

R. SÁ DA BANDEIRA, 107-1.º-Telef.: 5976

Despachos de vapores, navios e mercadorias. Armazéns no Cais do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Barcagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.



**Conservas**  
**LOPES, COELHO DIAS**  
**MATOSINHOS - PORTUGAL**

# FOLHA DE FLANDRES

FABRICO DA **United States Steel Export Company** - NEW YORK

Arame para Chaves-  
Arco de Ferro-Estanho  
Chumbo-Aços Finos da  
Marca "**Phenix**" - etc.

PORTO

Av. dos Aliados, 64

TELEFONE. 5772

ENTREGAS RÁPIDAS

**Sociedade Zickermann**

S. A. R. L.

LISBOA

Rossio, 3

Telefones. 24400-27459-27460

Endereço Telegráfico: **GAZICKMANN** — Lisboa / Porto

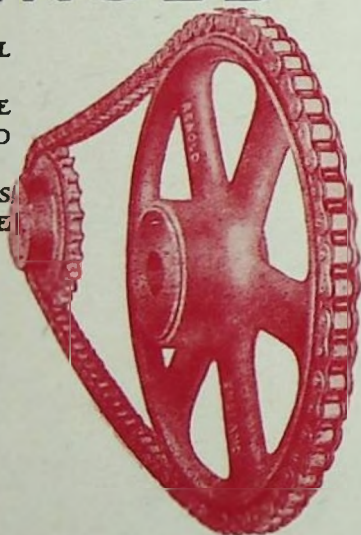
## MOVIMENTOS INDUSTRIAIS POR CORRENTE **RENOLD**

SOLUÇÃO IDEAL  
DE TODOS OS  
PROBLEMAS DE  
TRANSMISSÃO  
DE FORÇA,  
COM AS MÁXIMAS  
GARANTIAS DE

SEGURANÇA  
E  
ECONOMIA

ORÇAMENTOS  
GRÁTIS

AS MELHORES  
REFERENCIAS



**Harker Sumner & C.<sup>a</sup>**

152, Rua José Falcão, 156 || 14, L. Corpo Santo, 18  
— PORTO — || — LISBOA —

Fábrica de Conservas  
de peixe pelo sal

**Salazones e Anchovados**

**Juan Perez Lafuente**

**MATOZINHOS**  
PORTUGAL

Rua Brito e Cunha, 653

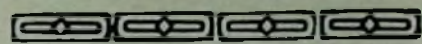
Telegraphic Address:

**JUPERLA**  
MATOZINHOS

Markas Depozées:

**JULIA-SANCHO**

# CASEBRE



CONSERVAS

& C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

FÁBRICA DE CONSERVAS

MARCAS:

Vencedor-Sardincas  
Safrá-Casebre  
Independencia  
Veni Vici

## A INDEPENDENCIA

Matozinhos

Telef. 51

"CASEBRE" BRAND — La marque de qualité

As Conservas "NUN'ALVARES" são as que todo o mundo pede



MARCAS  
REGISTADAS:

L A G E  
C I D A D E  
N U N A L

Condestável  
C A D E A U

FÁBRICA DE CONSERVAS

## "NUN'ALVARES"

LAGE, FERREIRA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>



MATOZINHOS  
PORTUGAL

Instalações  
modelares  
especializadas na fabricação  
de sardinhas SEM ESPI-  
NHA e SEM PELE E  
SEM ESPINHA —

BONELESS & SKINLESS SARDINES — OUR SPECIALITY

# SACOR

---

Sociedade Anónima Concessionária da  
Refinação de Petróleos em Portugal

S. A. R. L.



CAPITAL

**15.000.000 DE ESCUDOS**



**REFINARIA LISBOA**

(CASAL DAS ROLAS ————— CABO RUIVO)



SÉDE:

**LISBOA -- Rua do Alecrim, 57**

Telegramas, SACOR — Lisboa

Telef. 2 8035 a 2 8039

respectivas marcações nas Declarações Consulares, (esta fruta não requiere Factura Consular) (Facturas Comerciais, Certificados de Expurgo, etc.

- (d) Exigir as inscrições «GREEN CHESTNUTS»—«PRODUCT OF PORTUGAL» obrigatórias pela «Food And Drug Administration». Chamamos especial atenção para esta parte pois que ainda na última época aqui vimos muitos centos de volumes sem estas inscrições.
- (e) Recomendar aos exportadores para dividirem as remessas em lotes não excedente a 100 volumes. Esta modalidade tem sido uma boa defêsa contra ás rigorosas inspecções pelo Departamento de Agricultura e «Food And Drug Administration».
- (f) Boa estivação e ventilação nos vapores é um grande factor para o bom sucesso da exportação.

No que diz respeito a castanha, crêmos ter tratado bem esclarecidamente as informações que interessam a este negócio.

**Figo Sêco:** A única dificuldade—além dos pesados direitos (5 cents por lb.)—é também a insuficiência no expurgo. Pelo que temos observado, e ainda por experiência própria, mais de 75% das remessas têm sido rejeitadas pela «Food And Drug Administration» e re-exportadas para outros países. Não vemos razões para que o expurgo continue a ser o problema que mais entrava a expansão da venda do Figo do Algarve aqui, no entanto os factos assim o demonstram.

**Melão:** Só vemos possibilidade de boa remuneração quando seja possível a exportação nos meses de Outubro e Novembro. Antes desta data, no geral, há a grande abundância de melão de Califórnia, Arizona e Colorado. Já se tentou guardar aqui a fruta em frigorífico mas não dá resultado: a despêsa plus deterioração traz sempre prejuizos.

**Amêndoa:** Pouco conhecemos desta fruta mas comerciantes especializados dizem-nos que os exportadores portugueses estão obtendo sucesso. A situação anormal irá, sem dúvida, trazer-lhes uma parte dos compradores Americanos que na Itália compravam anualmente um total aproximado de 2.500 toneladas.

New York, Agosto de 1940.

*José Pinto Coelho*

## CIRCULAR

Olhão, 31 de Agosto de 1940

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Temos a honra de comunicar a V. Ex.<sup>as</sup> que, por escritura pública de 12 de Junho último lavrada nas notas do notário desta comarca, Dr. Luiz Sabbo e publicada no Diário do Govêrno N.º 182-3.<sup>a</sup> série, de 7 de Agosto corrente, foi aumentado o nosso capital social de Esc. 45.000\$00 para Esc. 200.000\$00, já realizado, sendo nossos actuais sócios:

D. Maria Escolástica Mendes Pires	40.000\$00
José Leal Júnior . . . . .	40.000\$00
Joaquim Afonso da Conceição . . . . .	40.000\$00
João Batista . . . . .	40.000\$00
João Estevão . . . . .	40.000\$00

Aproveitamos a oportunidade para também dar conhecimento a V. Ex.<sup>as</sup> de que, em consequência de deliberação tomada e da alteração do nosso pacto social levada a efeito pela aludida escritura, a nossa gerência encontra-se actualmente confiada a todos os nossos sócios e aos srs. Manoel Afonso Henriques e Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, bastando que um dêles assine com a firma social para ficarmos obrigados.

Em cumprimento, porém, da aludida deliberação e das novas disposições estatutárias, são gerentes efectivos apenas o nosso sócio sr. José Leal Júnior e os ditos srs. Manoel Afonso Henriques e Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, tendo qualquer delas a mais ampla faculdade de administração e representação social; todos os demais são suplentes, pelo que só terão poderes iguais aos daquêles quando chamados à efectividade.

Esperando que V. Ex.<sup>as</sup> se servirão tomar nota da assinatura que cada um dos nossos gerentes usa no desempenho do seu cargo, firmamo-nos com os protestos da nossa mais elevada consideração

De V. Ex.<sup>as</sup>  
Atenciosamente

*Tomé, Limitada*

# A CARTA-PROTESTO DO

Abaixo publicamos a Carta-protesto do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. F. humilhante artigo sobre Portugal publicado naquela revista na ed

O nosso ilustre compatriota, que se encontra neste país maneira digna e competentemente refuta os infelizes comentários c

## CARTA ABERTA

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Direct

**P**UBLICOU a sua importante revista no seu número de Julho último uma reportagem sobre Portugal em que, a par de afirmações sensatas e justas, há outras tão desconexas, tão incorrectas, tão falseadoras da verdade, que dão a impressão de haver uma intenção deliberada em humilhar e ferir, e que um português não pode lêr sem um enérgico protesto.

Vou cotar essas afirmações para melhor se compreender o comentário que lhes faço:

*«...and claimed an empire whose sizable remnants Portugal still rules... they get nothing of value out of the rest...» «But no empire ever had a briefer term of glory...»*

Os restos do império português não são de tão pouco valôr que não façam de Portugal, ainda hoje, o terceiro império colonial do mundo, depois da Inglaterra e da França. E bastará para demonstrar que a glória do génio descobridor e colonizador de Portugal não morreu, nem morrerá, citar o Brazil, a pérola das suas colónias, tornada hoje grande Nação, a projectar e a proclamar, para todo o sempre, no continente americano, na língua e nos costumes da Mãe-Pátria, o valôr da raça portuguesa.

Ao período áureo seguiu-se, de facto, em Portugal, o período da decadência. Mas estes são períodos fatais na vida dos povos, como na dos indivíduos, e só não os registam os povos que não têm história.

*«...Portugal declined so fast and so far that the rest of Europe and America almost forgot it...»*

Se o resto da Europa e a América nos esqueceram, é porque perderam depressa a memória. O grau de civilização que hoje gosam, devem-no a Portugal que nos séculos XV e XVI deu novos mundos ao mundo, descobrindo novas terras e novos continentes, abrindo novos caminhos para regiões vagamente conhecidas e inacessíveis, pôndo em contacto novos povos e novos hemisférios, fazendo circular novas e fabulosas riquezas, e desta forma deu, rapidamente, um avanço de séculos à civilização dessa época.

E se o articulista é americano, e conhece a história do seu país, deve saber que os portugueses concorreram, e em muito, para a sua criação e, conseqüentemente, para a sua grandeza de hoje.

Fôram os portugueses o primeiro povo europeu que pisou o sólo da América, algumas dezenas de anos antes de Cristovão a ter alcançado em 1492.

Diogo Teive e Pero Vasques, João Vaz Côrte Real e Martins Homem, chegaram à Terra do Bacalhau ou Terra-Nova, os dois primeiros em 1452 e os dois últimos em 1472.

João Fernandes, o Lavrador, estêve aqui em 1492, e deu o seu nome, que ainda se conserva, à costa americana ao Norte de Newfoundland.

Foi um português, João Rodrigues Cabrilho, que em 1452 descobriu a Califórnia. O senado

# DR. FRANCISCO GUERRA

Francisco Guerra, dirigida em inglês à revista «Life» e referente ao mês de Julho último.

numa importante missão oficial, responde à revista «Life» de uma maneira injusta reportagem.

*Um grupo de patriotas*

## À REVISTA «LIFE»

por da Revista "Life":

americano, felizmente de boa memória, demonstrou-lhe o seu reconhecimento, determinando que o dia 28 de Setembro, data daquela descoberta, fosse oficialmente comemorado com o nome de «Cabrilho Day».

Foi ainda um português, Sebastião Rodrigues Sermenho, que descobriu a Baía de S. Francisco, antes de Drake lá chegar.

E, finalmente, foi graças à ciência náutica portuguesa que Cristovão Colombo conseguiu chegar à América, porque, se é duvidosa ainda a sua nacionalidade—genovêsa, portuguesa ou espanhola—é, porém, um facto indiscutível que ele, simples mercador em Génova, aprendeu e praticou a arte de marear entre os portugueses, na Madeira, onde casara com uma portuguesa, filha de navegadores, que lhe deram importantes informes acerca da existência de novas terras para o Ocidente.

*«...It was such a mess that the League of Nations coined a word to describe the absolute low in national welfare: Portuguese...»*

Confesso que desconhecia a aplicação do termo «portuguese» aplicado pela Sociedade das Nações no sentido que o redactor da «LIFE» nos diz. Conhecia-o, sim, usado também em sentido pejorativo pelo político belga Vandervelde, para fins comicieiros, mas de que depois se retratou publicamente.

Mas se de facto a Sociedade das Nações,

numa deselegância mental bastante censurável, introduziu essa frase no seu vocabulário, Portugal deu-lhe a resposta condigna. Ao ser-lhe proposto por essa Sociedade um empréstimo em condições que reputou ofensivas para a sua dignidade de Nação livre, recusou-o com altivez.

Como o Pelicano que arranca do peito a própria carne para não deixar morrer de fome os filhos, Portugal foi arrancar dos seus próprios recursos os meios para se salvar. E salvou-se. Há 14 anos que temos o nosso orçamento equilibrado, o que é um caso raro hoje na vida das nações. Pagámos ou reduzimos as nossas dívidas, externa e interna; abrimos novas e amplas estradas; alargámos a nossa rede ferroviária; construímos novos e modernos portos; edificamos inúmeras escolas primárias e liceus, organizamos e modernizamos a nossa marinha e o nosso exército.

Portugal dá hoje ao mundo, convulsionado e dividido por paixões sectárias e por interesses vis, o exemplo da paz, da ordem e da dignidade.

Da paz nos espíritos, da ordem na vida social, económica e financeira, da dignidade adquirida com o seu prestígio internacional.

Dera-se mais uma vez o milagre, como sempre sucede quando a Nação está em perigo. Os seus filhos juntaram-se, como um só homem, para num arranco de indomável patriotismo elevar nos seus ombros, alto, muito alto, onde todo o mundo a visse, a figura da Pátria Bem Amada.

E o que resta da Sociedade das Nações que nos quiz humilhar?

Um mísero espantalho, estatelado no chão, coberto de sarcasmo e ridículos, que arrastou na sua queda os solénes princípios espirituais e mentais que não soube defender. Enquanto Portugal está de pé e marcha, de cabeça erguida e passo firme, na senda gloriosa dos seus destinos históricos.

*«...are (Portuguese people) great on plans and dreams but they have no push... their inclination is to seat and take what comes...»*

A isto só há que dizer que os portugueses pertencem à raça latina, e por isso mesmo possuem tôdas as virtudes e defeitos desta raça.

Entre as virtudes, está o génio criador, em que nenhuma outra a iguala; entre os defeitos, está o de deixar a outras raças mais práticas, mais utilitárias, mas menos inventivas, a realização e a apropriação das concepções do seu espírito. As pessoas para quem o espírito é alguma coisa, não nos podem censurar por êsse defeito.

*«...Long ago they drove out the Moors but retained a strong Oriental influence—on architecture, complexions and the attitude toward women... e ainda mais adiante: «...» The Portuguese attitude toward women reflects the Oriental influence...»*

Quem lêr esta informação e nunca tiver visitado Portugal, imaginará facilmente que a mulher portuguesa vive em harens, fechada a sete chaves, guardada por ferozes eunucos, vendo o mundo através das grades da sua prisão, e passando a vida a tocar bandolim e a ensaiar danças vaporosas, para agradar ao seu senhor, o português-mouro, de olhos coruscantes e o sangue a arder em sensualidade!...

Ora, de facto, a mulher portuguesa tem tôdas as regalias e liberdade que têm as mulheres de todos os países civilizados, limitadas, simplesmente, pela moral que criamos como norma de vida, baseada no nosso temperamento, nos nossos costumes e tradições multiseculares, e nos nossos arreigados princípios religiosos.

Sômos sentimentais, como povos meridionais que sômos, mas não sensuais.

O amôr, para os portugueses, no dizer de um poeta, «é o amôr sentimento, o amôr delicadeza», e não o amôr feroz e sensual dum beduíno...

A mulher, quando noiva, é para nós a figura estilizada de um Wateau, um bibelot raro de Sévres, que se contempla com embevecimento e mal se toca com a ponta dos dedos, com receio de quebrar. Quando espôsa, é o anjo do lar, onde tem o seu altar.

*«...They imported negro slaves—and in a few generations completely assimilated them...»*

Esta afirmação é de tal forma fantástica que só pelo ridículo se pode tomar. Estamos de aqui a vêr Portugal a importar prêtos de África para os assimilar, como se importam bananas ou côcos para se comer...

Por êste mesmo critério, e raciocinando à inversa, chegaríamos à conclusão piramidal que na América do Norte, país onde vivem algumas dezenas de milhões de nêgros, êstes fôram importados para assimilar os brancos...

E já que o articulista fala em escravos, et pour cause, registre-se que foi Portugal o primeiro país do mundo que aboliu a escravatura.

*«Content with little, they like to eat late, stay up half the night and sit around sipping cheap wine...»*

O articulista devia ter convivido em Lisboa, durante a sua estada ali, com algum rapioqueiro, que os há em tôda a parte, e vestiu a todos os portugueses o figurino do seu homem.

Em Portugal, há realmente, vinho barato, mas país onde as suas vinhas são beijadas por um sol doirado e acariciador, a qualidade dos seus vinhos baratos é superior à dos vinhos mais caros de muitos outros países.

*«The Dictator has built the Nation».*

As palavras com que o redactor da «LIFE» apresenta neste artigo o Dr. Oliveira Salazar, são justas, e merecem, por isso, o nosso aplauso, se bem que destoem algumas referências que eram desnecessárias.

O Dr. Oliveira Salazar é o produto da depuração moral e mental dum pòvo, o que, por ser raro, só se dá de séculos a séculos. A sua ditadura é uma democracia pura, baseada nos princípios cristãos proclamados nas encíclicas «*Rerum Novarum*» e «*Quadragesima*» pelo Papa Leão XIII. O seu objectivo, é a dignificação da individualidade humana, tendente ao bem suprêmo da Nação.

Que êle tem conseguido êsse objectivo, provam-no a sua Obra, cujo valôr é reconhecido pelos seus próprios inimigos, e a confiança que a Nação nêle deposita.

*«...the Portuguese empire which exists by courtesy of the British fleet...»*

Há um ditado em português que diz: «não ofende quem quere», e êsse ditado aplica-se, com tôda a propriedade, à afirmação deselegante,

# Arlindo de Souza Vinagreiro

Sardinhas em Salmoura e prensadas

Anchovas em Salmoura

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59

MATOZINHOS

PORTUGAL

Telefone, 155-M

End. Telegráfico: LINDO

## Fábrica de Conservas PARAMOS, L.<sup>DA</sup>

Marques déposées :

*Parámos*

*Bristol*

*Dulce*

*St. Georg*

*Invicta*



Rua Conselheiro Costa Braga

MATOZINHOS

P O R T U G A L

Adresse télégraphique: PARAMOS

Téléph. 222-M

### Alves da Silva & Irmão, L.<sup>da</sup>

Negociantes de sal graúdo e miúdo

**Representantes Depositários em Matozinhos:** Da Fábrica de  
borracha Luso-

Belga, de ailhas de borracha para tampus de cheio.

De diversos exportadores de conservas, de Lisboa.

De acreditadas marcas de azeites e oleos para a Industria  
de conservas.

**Compram:** Petalbos de lólba de Flandres e  
Cleos de peixe, aos melhores preços

**Chavos:** Para abrir latas Comissões e Consignações

332, Av. Serpa Pinto, 338 — MATOZINHOS — Telef. 89

Anunciar na Revista

“CONSERVAS,,

é aumentar as  
suas exportações

TELEFONE, 458

TELEGRAMAS: LISSADO

NOVA LITOGRAFIA  
"SADO", L.<sup>DA</sup>



ESTAMPAGEM  
SOBRE FOLHA  
DE FLANDRES

Rua Guerra Junqueiro

MATOZINHOS - Portugal

## Fabrique de Conserves "A BOA NOVA",

Maison fondée en 1920

José Rodrigues Serrano  
& Filhos, L.<sup>da</sup>

237, Rua Conselheiro Costa  
Braga, 299

Telefone, 99-M    Telegramas, RESSANO

MATOZINHOS

FUNDADA EM 1920

CONSTRUÇÃO MODERNA  
INSTALAÇÕES HIGIENICAS  
E MODELARES

MARCAS:

Serrano  
Boa Nova  
Alster  
Ideal  
Alta Classe  
Orgueil  
Rhenania



# Sociedade de Conservas "A Universal, L. da"

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix



TELEPHONE, 98-M  
TELEGRAMAS: UNIVERSAL



L'Universelle  
Zélia  
Rosália

FABRICANTE  
DAS MARCAS:



Mindelo  
Orbela  
Atraente



Matozinhos

Rua do Burgal, 24-70  
Rua dos Camachos

Portugal

Sardines in  
Oil, Pure  
Olive Oil  
and ———  
Tomato  
Sauce



BRANDS:

**Celestial**  
**Lucrecia**  
**Auspiciosa**  
**Joarco**  
**Dosil**

558, AVENIDA MENÉRES, 578

MATOZINHOS—Portugal

Teleph. 83—P. O. Box 16

Cable Address: JOARC



SOCIEDADE INDUSTRIAL  
DE

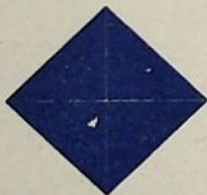
**CONSERVAS MATOZINHOS**

L I M I T A D A

Sardinhas em Conservas nas marcas:

**Sicma  
Selva  
Taby  
Britannia**

Rua Souza Aroso, 333



Enderêço Telegráfico: SICMA  
Telefone. M-393  
Códigos:  
PARTICULAR, A. B. C. 5.ª ed.



M A T O Z I N H O S  
P O R T U G A L



José António Cabral & F.<sup>os</sup> Suc.<sup>res</sup> L.<sup>da</sup>

Avenida Menéres, 533

TELEFONE, 119

**Matozinhos** – Portugal

Teleg.: LARBAC



**Fabricantes exportadores**  
de sardinhas em conserva nas marcas:

**Vasco da Gama**

**Dolly**

**Cabralinas**

**Cabral**

**Triunfante**



AZEITES

AZEITONAS

desconexa, ofensiva, que o articulista faz na frase que acima transcrevo.

Portugal conserva o seu império não, graças à «cortesía» da armada inglesa, mas sim ao reconhecimento internacional dos seus direitos sagrados sobre um império que não foi adquirido por actos de pirataria e espoliação, mas por descobertas e conquistas, e está cimentado pelo sangue dos seus heróis, o sacrifício dos seus mártires e o suor dos seus colonos.

Nós sabemos muito bem, através da nossa história, passada e presente, o que vale, e o que temos a esperar, da cortesía inglesa, mas é assunto que não quero agora aqui abordar.

*«...the count was one of three brothers who made themselves famous by picking fights in the Lisbon slums with knife-carrying desperadoes called fadistas. At «57, he still keeps his hand in it and, on the first day «Life» called, was in court settling a dispute fist fight...»*

Não tenho procuração da nobreza portuguesa para a defender, mas sinto-me à vontade, como filho do povo, para levantar a luva que tão desastrosamente lhe é lançada.

A fidalguia de Portugal tem gravada nos seus braços actos de patriotismo e heroísmo que a nobilitam. A par das suas virtudes guerreiras, destacam-se, igualmente, as suas virtudes cívicas. Há entre esses fidalgos, mulheres que são o mais belo e nobilitante exemplo de Mães e Espôsas, e homens que são Santos.

A formação da nacionalidade, em 1139, e sua independência, em 1640, devem-se ao patriotismo dos nobres.

Apresentar uma classe das mais dignas como uns brigões que jogam à facada, é uma brincadeira de mau gosto.

Estou certo que o sr. Conde da Ponte se gosta, realmente, de liquidar as suas questões ao sôco, teria muito prazer em ir desta vez, de verdade, ao tribunal, depois de arrumar, à sua maneira, o assunto da reportagem...

Paro por aqui nos meus comentários a esta reportagem infeliz, porque esta carta vai já longa, e não porque o assunto que merece crítica severa esteja exgotado.

Reportagem infeliz, repito, e tendenciosa.

Houve a preocupação de apresentar o réles e o baixo como padrão de um país, desfigurando ao mesmo tempo as pessoas, os factos e os aspectos.

Tudo o que poderia representar a grandeza de Portugal, a sua história de oito séculos, o seu esforço em prol da civilização, a sua arte, arquitectónica e pictural, a sua ciência, a sua literatura, as suas tradições, os seus costumes típicos, o seu

folclore, as suas belezas naturais, foi esquecido ou deturpado.

A «Life», que tem responsabilidades culturais como revista de grande expansão internacional, prestou um mau serviço a Portugal e aos seus leitores, fazendo uma reportagem deformada e faciosa.

Tanto os portugueses, como esses leitores, têm razão para protestar.

Nova York, 17 de Agosto de 1940.

*Dr. Francisco Guerra*

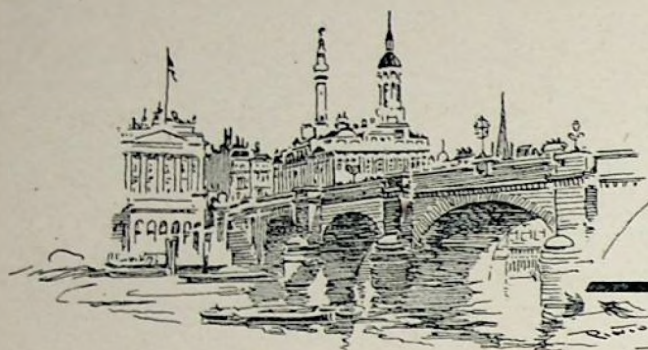
## Comissão Reguladora do Comércio de Pescarias

Subscrito pelo Sr. Eng. Geraldo Braamcamp de Mancellos, recebemos um interessantíssimo opúsculo em que se preconiza a criação de um organismo regulador do comércio das pescarias em Portugal. Recheado de elementos de alto valor estatístico, o estudo do Sr. Eng. Braamcamp de Mancellos é digno da melhor atenção e ponderado critério de todos os interessados. Agradecemos a gentileza da oferta do apreciável trabalho a que havemos de referir-nos com mais espaço.



## CONSERVAS

*percorre mensalmente  
todos os principais  
mercados do mundo*



# Inglaterra

Poucos povos terão sido tam injustamente apreciados como o povo inglês. Para lhe conhecer as virtudes e os defeitos não basta visitá-lo e estudá-lo no seu *home* e no seu *business* durante um ano. E' mister conviver com os ingleses alguns anos para lhe compreender a estrutura singular, viver com eles intimamente e procurar abrir-lhes o envoltório que, como uma camada de gelo, nos esconde o calor vital que os anime. E' indispensável espreitá-los na sua intimidade para se verificar um facto que nos deixa logo surpreendidos. O inglês é mais terno, mais afectuoso e mais alegre do que nós que há tantos anos exibimos o chocarreiro apodo de *gais* quando afinal somos a raça mais bisonha, mais sorumbática, mais triste que a rosa do Sol cobre.

Um dia, um engenheiro belga veio ao Pôrto montar uma instalação de radiologia. O agente da casa instaladora, querendo obsequiar o estrangeiro, levou-o a várias casas de espectáculo, a diversos *bars* e a alguns cafés. Logo no primeiro dia, o engenheiro manifestou a sua estranheza perante a melancolia, a passividade, a tristeza dos portugueses. Em qualquer café, *bar* ou *music-hall* de qualquer cidade belga, afirmava elle, o público não deixaria de cantar, em côro com as orquestras dos cafés, restaurantes e *bars*, e na ausência de música o público se encarrega de, espontâneamente, engendrar uma orquestra ou orfeão. E a sua estranheza era maior por estar convencido de que os *portugais sont toujours gais*...

Os portugueses que têm passado por Berlim ou Hamburgo devem recordar-se do que viram e ouviram no *Vaterland* e no *Zilertal*, que é com mais ou menos arruído o que se pode ver e ouvir nos *bars* e nos *music-halls* de Inglaterra.

E lembrou-se um graciôso qualquer de dizer que os portugueses é que são *gais*.

Repare agora o leitor noutra facêta do diamantino carácter britânico:

## Carta dum aviador a sua mãe

### A LUTA CONTRA O MAL

«A minha missão terrestre está cumprida»

Entre o espólio dum jovem piloto pertencente a uma esquadrilha de bombardeamento das Reais Forças Aéreas, recentemente dado como «desaparecido, provàvelmente morto», encontrou-se uma carta endereçada a sua Mãe, para lhe ser entregue no caso de vir a morrer em combate.

Segundo escreveu o jovem comandante dessa esquadrilha: «Esta carta é talvez a mais extraordinária que eu tenho lido, pois embora seja simples e directa no seu estilo, é magnífica e sublime no conjunto. Era inevitável que eu a lêsse—de facto devia ser intenção sua que eu o fizesse—porquanto foi deixada aberta para que eu pudesse certificar-me que nenhuma informação proibida seria revelada. Mandeí a carta à Mãe enlutada, pedindo-lhe autorização para a publicar anònimamente, pois senti que o seu conteúdo poderia levar conforto a outras mães e no desejo, também, que todos no nosso país pudessem sentir-se orgulhosos ao ler os sentimentos que animam «um vulgar aviador» no cumprimento dos seus árduos deveres actuais. Recebi a devida autorização da Mãe e agora espero que esta carta possa ser lida pelo maior número possível dos nossos compatriotas residentes no país e no estrangeiro.

### TEXTO DA CARTA

Minha estremecida Mãe,

Embora eu não tenha qualquer pressentimento, os acontecimentos estão tomando incremento tão rápido, que dei instruções para que esta carta lhe seja entregue no caso de não voltar dum dos «raids» que dentro em breve vamos empreender. Se assim fór, peço-lhe que continue a alimentar esperanças de me ver durante um mês, mas, decorrido esse tempo, deve curvar-se perante o facto de que eu entreguei a continuação da minha missão nas mãos intei-

ramente competentes dos meus camaradas das Reais Fôrças Aéreas, como já tantos esplêndidos rapazes o fizeram antes de mim.

Primeiramente, quero que a minha querida Mãe venha a sentir consolação em saber que o meu papel nesta guerra foi da maior importância. Os nossos vôos de patrulhas efectuados a grandes distâncias sobre o Mar do Norte, contribuíram para manter as vias de comunicação livres para os nossos comboios marítimos e navios de abastecimento e, em certa ocasião, foi por meio das nossas informações que se conseguiram salvar as vidas da tripulação que se encontrava a bordo dum navio de apoio a faróis e que estava em perigo. Embora isso lhe seja difícil, causar-me-ia uma decepção que a minha Mãe não aceitasse os factos serenamente, pois que eu terei cumprido o meu dever com o máximo da minha capacidade. Nenhum homem poderá fazer mais, e ninguém digno dêsse nome poderá fazer menos.

Sempre tenho admirado a sua espantosa coragem em face de continuos reveses e a mantira como me educou e me preparou para a vida, sabendo sempre manter as aparências e sem nunca perder a sua confiança no futuro. A minha morte não significará que o seu esforço sublime tenha sido feito em vão. Bem longe disso. Antes significa que o seu sacrifício é tão grande como o meu.

Aquêles que servem a Inglaterra nada devem esperar dela; diminuir-nos-íamos a nós próprios se considerássemos a Pátria apenas como um lugar onde se come e dorme. A História reesoa de nomes ilustres que deram tudo, mas o seu sacrificio resultou no império britânico onde há uma medida de paz, de justiça, e de liberdade para todos, e onde o nível da civilização continua a evoluir como em nenhuma outra parte. Mas isto não diz respeito unicamente ao nosso país. Actualmente estamos-nos defrontando com a maior ameaça organizada à Cristandade e à Civilização que o mundo jámais tem visto, e eu sinto-me feliz e orgulhoso de já estar na idade e ter a preparação necessária para atizar com todo o meu pêso para o prato da balança. Isto devo-lhe a si, minha Mãe. No entanto, ainda tenho mais a esperar de si.

A nossa frente nacional ainda terá que se manter unida durante anos após a guerra ser ganha. Apesar de tudo que se diz contra ela, ainda mantenho a opinião que esta guerra é uma coisa muito boa, pois proporciona a cada individuo a oportunidade de dar e arriscar tudo pelos seus princípios, como os mártires da Antiguidade. Não sei quanto tempo me resta ainda, mas uma coisa sei, e que nunca se poderá alterar: eu ter vivido e morrido inglês. Nenhuma outra coisa tem a mínima importância, nem jámais coisa alguma o poderá modificar.

Não chore por mim, querida Mãe, pois se realmente creê na Religião e em tudo quanto ela encerra, isso seria uma incoerência. Não sinto receio de morrer mas apenas uma singular exaltação. Não desejaria sentir outra coisa que não fosse isto. O Universo é tão vasto e tão infinito que a vida dum homem só pode justificar-se pela medida do seu sacrificio. Somos enviados a este mundo para adquirirmos uma personalidade e um carácter que levamos connosco sem que ninguém no-los possa tirar. Aquêles que apenas comem e dormem, prosperam e se multiplicam, não são melhores do que os animais, mesmo quando as vidas lhe decorrem em paz.

Eu creio firme e absolutamente que tôdas as coisas más são enviadas ao mundo para nos experimentar; são mandadas deliberadamente pelo nosso Criador para nos pôr à prova, porque Ele sabe o que é benéfico para nós. A Bíblia está recheada de casos em que os meios fáceis são postos de parte por princípios morais.

Considero-me feliz por ter visto o país inteiro e ter travado conhecimento com homens de tôdas as categorias. Mas com esta prova final da guerra, considero o meu carácter completamente formado. E, assim, embora bem novo ainda, a minha missão terrestre já está cumprida e estou preparado para morrer, levando comigo apenas uma única mágoa—que eu não pudesse consagrar-me a tornar a sua velhice mais alegre, vivendo junto de si, minha doce Mãe; mas viverá em paz e em liberdade, para o que eu terei contribuído directamente, e assim, mais uma vez, a minha vida não terá sido vã.

O seu filho que muito a ama,

...

A publicidade em «Conservas» é prodigiosa

Folhetim N.º 5

Setembro de 1940

## Carta a Garcia

Memórias de José Luiz

### I

*Depois do terceiro deslombamento, a moitana levantou o cerco, o Senhor António não mais deu sinais de desasossegó, e a inação da tranca marcou um largo periodo de perfeita paz em casa de meus Avós, e durante muitos anos ainda o Antoninho foi admitido na dolorosa e suprema intimidade do bom sucesso da esposa idolatrada. Vinte e uns filhos assim nasceram e nunca minha Avó precisou de socorros estranhos. Só adoeceu gravemente quando findou essa generosa fecundidade.*

*O seu último filho foi amamentado por minha Mãe.*

*Naquela noite os elementos resolveram prestar espontaneamente o seu concurso ao arruído, e choveram picabécas—como um dos convivas afirmava repetidamente de cada vez que, a pretexto de ir à janela espreitar os astros, emborcava a infuza do vinho com as duas mãos como se ela fôsse um pequeno telescópio através da qual êle procurasse ver aquêlê fenómeno meteorológico.*

*«Chover picabécas» no vernáculo da minha terra é como quem diz na linguagem apurada dos portuenses «chove com'a burros».*

*E porque a chuva era torrencial e a ventania era implacável, os convidados dilataram a despedida até ao precioso momento em que nem migalhas restavam das mirificas bôlas e alguém tomou a heróica decisão de não reechar as infuzas.*

*Duas horas depois de assim se apaziguar a invernia foi anunciada a minha entrada no mundo, primeiro por minha Mãe e depois por mim próprio.*

*O tempo que mediou entre a primeira noite e o sexto ano da minha existência esconde-se numa nebulosa que os olhos do espirito não conseguem penetrar. Sômente desde o dealbar do meu sexto aniversário é que no formoso quadro das minhas reminiscências infantis começam a desenhar-se com mais ou menos nitidês cenas e aspectos cuja evocação me dá vontade de chorar. E' a saúdade agri-doce de certas aventuras, em que andavam calhaus pelo ar, gatos assanhados e cães a ganir, telhas partidas (os vidros já haviam sido estilhaçados por antepassados meus) e o alarido de mulhere; esgruviadas que vinham barregar para a porta da minha loja; eram uns horrendos jejuns de algumas horas em que eu e o meu irmão mais velho vivíamos atormentados numa adega onde havia só cheiro a vinho e o fartum de porcos que refocilavam ao lado, até que a nossa irmãzinha conseguia encafiar por uma trincha do soalho umas deliciosas vitualhas que sabiam a ambrosia; umas vezes em forma de borã, outras transformadas em trigo, e de quando em vez em nacos de bacalhau cru, maçãs, castanhas, ou figos consoante aprazia à generosa natureza ou à possibilidade ardisosa da boa Mariana. Findo o jejum, ainda aprazia ao discernimento maternal prodigalizar-nos umas moccas de alto lá com elas. Era então que eu e o meu irmão fazíamos uma idea aproximada da rijesa do pulso da nossa mãe, e eu começava a duvidar da equanimidade da justiça; pareceu-me quasi sempre que dos réus era eu o que apanhava mais, não sei se por virtude da menor reacção que eu oferecia ao tratamento—pois o meu irmão gritava quasi tanto como os porcos quando iam para a execução—se por supôsto grau de culpabilidade. A pobre da minha Mãe levou para o outro mundo a convicção de que eu era pior do que meu irmão; que era eu quem sempre «desencaminhava» o pobre do Toninho, que tinha mais uns nove meses do que eu, pouco mais ou menos. Coitada! Indução maternal, que quasi nunca engana. E era em conjunturas como esta que Ela aludia à noite tormentosa da minha chegada. Que por isso eu não podia ser bom! E tantas vezes o repetiu, que também acabei por me convencer do axioma.*

## ≡ CASOS E COISAS ≡

No tempo em que Nosso Senhor andava pelo mundo a prégar o Amôr e a Harmonia entre os homens, succedeu Ele passar por uma herdade onde os escravos eram tratados como bichos. Um dos companheiros—provavelmente S. Pedro, que tinha um gênio mais rigoroso do que os outros—chamou a atenção do Mestre para aquela barbaridade, impetrando o castigo do dono da fazenda e a libertação dos servos. Nosso Senhor obtemperou:

—Ser-me-ia sumamente agradável deferir o teu pedido, se eu não soubesse de antemão que os indivíduos que tu lamentas se sentiriam mais desgraçados se os tirassem daquela humilde condição.

As palavras do Nazareno não pareceram convencer o companheiro, e o Mestre rezolveu fazer uma experiência.

\* \* \*

Deu liberdade e prosperidade aos escravos que bem cedo as utilizaram da forma mais deplorável que pode imaginar-se. Uns adquiriram logo fazendas vizinhas e compraram escravos a quem maltratavam mil vezes pior do que haviam sido tratados; outros entregaram-se à prática das mais repugnantes traficâncias; outros lançaram-se em torpes especulações, e cada um porfiava em aniquilar o que havia sido seu companheiro de infortúnio. Tornaram-se piores que feras uns para os outros e para os serventes.

Nosso Senhor chamou Pedro para apreciar os efeitos da sua piedade, o qual jurou que nunca mais intercederia pelo bem estar da espécie humana.

\* \* \*

Disse, mas não cumpriu. Pouco tempo depois, passando em companhia do Mestre pelo lago das Tiberiades, ouviu Nosso Senhor dizer:

—Vou submergir aquêlê barco que ali anda; vai lá dentro um assassino...

—Ah! mas isso não é justo. Então porque lá está um criminoso hão de os outros todos sofrer inocentemente?...

—Tens razão, Pedro. Deixá-los ir.

Pouco depois, S. Pedro vociferou escandalosamente e o Mestre parou a olhar a fúria com que o companheiro espancava com o grôssô cajado um enxame de abelhas que se encontrava prêso ao galho de uma árvore.

—Que é isso ó Pedro? inquiriu Nosso Senhor?

—Foi uma abelha que me deu uma ferradela diabólica, replicou S. Pedro ainda ocupado em exterminar o enxame.

—Então porque uma só abelha te ferrou, observou serenamente o Nazareno, tu castigas tão impiedosamente tantas inocentes?...

S. Pedro abaixou o landreiro, olhou dócilmente Jesus e seguiu a jornada cabisbaixo e silencioso.

\* \* \*

Os industriais de conservas encontram-se por vezes numa situação de extrema delicadeza. Não podem dispensar os serviços de um operário cujo procedimento o tornou indesejável. Um artifice pode ser bom trabalhador, cumprir a obrigação que lhe está imposta, e todavia ter acção perniciososa na sua ou noutras secções da fábrica onde trabalha. Pode carecer de certas noções de respeito e disciplina e tornar-se antipático e prejudicial; pode ter um gênio irascível que a todos desagrada; pode ainda possuir uma índole motejadora que moleste os companheiros; e pode também ter carácter intriguista capaz de promover a discórdia no seu meio.

Não basta, como o leitor compreende, trabalhar para ser um operário útil. Há trabalhadores que são uma verdadeira peste no meio onde exercem a sua actividade.

\* \* \*

Só por motivos graves e justificados é que o industrial pode castigar e despedir. Sem testemunho do facto, não pode desembaraçar-se do artifice que cometeu uma falta. Se tal falta não pode ser testemunhada ou provada, o patrão não pode despedir o delinquente. Se o fizér, o operário move-lhe uma acção e exige compensações.

Suponhamos ainda que um operário deu motivo bastante para ser despedido, e que, por circunstâncias do acaso, o facto não tem testemunhas: ainda o patrão não lhe pode dispensar os serviços. Se o fizér, o operário dispensado queixa-se de que foi despedido sem motivo justificado e o industrial sujeita-se a pagar-lhe uma indemnização equivalente a 90 dias de trabalho. E se fôr necessário, o operário apresenta testemunhas de que foi «dispensado sem motivo».

# EMPORIUM



**LUIZ VIANA**

EXPORTADOR

OF ARTISTAS BILANDOS

*Mateirinhos*

# ACTIVA

FABRICA DE CONSERVAS J. SERRANO JUNIOR

MARCAS = ACTIVA - BORITH - LALITA - LEIXÕES - TULLIA - BAYADERA

AVENIDA MENÉRES, 314 - RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 397  
MATOZINHOS (Portugal)



IMPÕE-SE PELA  
QUALIDADE  
DO SEU FABRICO

No capítulo de *solidariedade*, os trabalhadores actuais são admiráveis.

\*  
\*   \*  
\*

Há ainda um aspecto curioso a considerar. Supõem que um certo operário deseja transferir-se para outra fábrica; não lhe convém despedir-se para não incorrer em determinada penalidade que lhe pode ser imposta. E que faz ele então? Procede sistematicamente de forma a provocar o desagrado do chefe e a ser despedido. De que maneira? Mil e um estratagemas tem o artifice para suscitar o desagrado do patrão, desde a má-vontade e propositada lentidão de movimentos até premeditadas faltas de respeito onde e quando não houver testemunhas.

Há ainda muito que fazer para se obter um justo equilibrio de forças e uma harmonia equitativa de direitos e obrigações.

\*  
\*   \*  
\*

Para terminar o amêno arazoado, deixe-me o leitor apresentar ainda um outro aspecto singular do problema.

Refiro-me ao facto do industrial não poder escolher com plena liberdade os seus operários. Por um lado, porque só são admitidos os trabalhadores sindicalizados, e estes nem sempre são os melhores; por outro lado, não nos deixam admitir pessoal novo enquanto houver outro desempregado. E isto que parece lógico e justo coloca o industrial neste dilema: ou lutar com falta de braços ou admitir indivíduos inaptos ou maus. Porque convém não esquecer que, às vezes, succede haver na lista das disponibilidades do Sindicato aquilo que mais ninguém quíz, a escoria, o joio da classe.

? Não lhes parece que isto não está bem?

Mário

### Dr. Borges de Oliveira

Acompanhado do Sr. Engenheiro Daniel Wagner, deu-nos a honra da sua visita o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Borges de Oliveira, prestigiado Presidente da Direcção do Instituto Português de Conservas de Peixe.

A vinda de S. Ex.<sup>a</sup> a Matozinhos relaciona-se com a proposição de uma nova medida de grande interesse para a indústria conserveira do país, e que ultimamente tem preocupado a Direcção do I. P. C. P.

## Resposta a M.

Temos de responder a M. conforme prometemos no nosso último número. Mentiríamos a nós mesmos se dissessemos que o fazemos gostosamente. Pelo contrário: diremos que o fazemos contrariadíssimos e somente forçados a tal pelas circunstâncias que rodearam a transcrição e comentários publicados no nosso colega «*A Indústria*». Até, por isso mesmo, só responderemos ao seu primeiro arazoado.

Pretendeu-se, talvez de boa fé, talvez não, fazer acreditar que a prosa de M. pertencia a alguém de Matozinhos e, afinal, M. é de Setúbal. Evidentemente que nos congratulamos com isso pelos mesmos motivos porque só contrariados respondemos a M. Esses motivos são, muito simplesmente, os seguintes:

1.º—M. acobertar-se sob um anonimato que nada, nestas discussões de problemas—que deveriam ser desapaixonadas, serenas e leais—justifica;

2.º—M. usar duma prosa chocarreira, irritante e mal intencionada que também está muito longe de se justificar nestas mesmas discussões de problemas que a todos interessam quando feitas entre pessoas de boa fé e boa vontade, numa palavra, bem intencionadas e em que todas as opiniões merecem respeito e atenção.

De maneira nenhuma, pois, aceitaremos discutir com M. que não conhecemos mas que, já podemos afirmá-lo, é um mal intencionado.

Por outro lado, confessamos sincero cansaço nesta pugna inglória, em cujo decorrer só temos tido motivos para desilusões e desganhos, sobretudo e principalmente, sobre pessoas que nos tínhamos habituado a considerar bem superiores ao que se mostram na realidade. E, trememos até perante o receio de sofrer mais uma dessas amargas desilusões se, acaso, M. se der a conhecer. (Por amor de Deus, sr. M., se é cristão não se descubra se este receio nosso é fundado...)

Portanto, limitar-nos-emos (e porque a isso nos julgamos obrigados pela responsabilidade do nosso nome, dos nossos escritos e da nossa actuação anterior e, também, pela consideração que nos merecem aquêles colegas que connosco trabalharam no estudo deste problema) a dizer o seguinte:

1.º—E' verdade que nós temos já os nossos Grêmios, o nosso I. P. C. P. e o nosso Conselho Geral. Portanto, para que precisamos nós, industriais ou exportadores, do tal «Entreposto de Vendas» ou «Bolsa das Conservas»?

Por variadíssimas vezes já nos fartamos de

dizer que as funções de tais organismos (Bolsa de Conservas ou Entrepasto Conserveiro—não se trata de Entrepastos de Venda) poderiam certamente ser preenchidas em parte pelos Grêmios e noutra parte pelo I. P. C. P. mas que, para tal, seriam precisas algumas modificações nas leis vigentes e que essas modificações, no nosso fraco entender, implicariam uma extensão incompatível, em certos casos, com o âmbito de funções que aos referidos organismos actualmente existentes pertence corporativamente e, noutros, alterações em serviços, como os dos Armazens Gerais, sujeitos a sistemas jurídicos geralmente estabelecidos. «Por isso se julga, apesar de tudo, mais simples a criação de novos organismos. Por isso e só por isso se sairia do quadro dos organismos existentes. Evidentemente que é necessário acautelarmo-nos para que tal facto não seja motivo para acarretar, senão em mínimas proporções, novos encargos para a indústria». Isto diziamos nós num artigo datado de 17 de Abril corrente e publicado nesta Revista. Continuamos a pensar da mesma forma e a apoiar esta nossa tese está, segundo cremos, a própria e abalizada opinião da Ex.<sup>ma</sup> Direcção do I. P. C. P. que assim parece ter visto igualmente o problema quando apresentou o projecto da B. C. (M. perde assim o seu latim hipócrita quando a tal propósito pretende fazer insinuações torpes e descabidas).

Mas, fôsse êste o abismo que nos separa de M.; felizmente não o é.

2.º—M. fala nas desvantagens da restrição ou limitação da produção. M. divaga. Aonde é que êle viu qualquer dessas coisas nos projectos dos E. C., quer no que foi elaborado em Matozinhos, quer ainda no que saiu da discussão em Lisboa entre os representantes dos vários Grêmios? Contudo, é na verdade mais que certo que a criação de qualquer organismo semelhante aos que se preconizavam ou mesmo a simples entrada na prática da sua mecânica sem novos organismos implicaria necessariamente, não diremos já a restrição ou limitação da produção, mas um determinado condicionamento à mesma, dentro de certos limites. Também, não é menos verdadeiro que, muito antes de M.,—em Junho de 1939—dissemos:

«Limitação da produção.—Esta limitação não deve ser tomada no sentido de restrição mas sim no de ajustamento da produção ao consumo sem, de forma alguma, limitar as justas e necessárias exigências de expansão que, bem ao contrário, devem ser encorajadas. Simplesmente, é necessária, neste caso, toda a prudência. O campo para a expansão do nosso produto é, ainda, imensamente vasto. Os nossos esforços devem tender para a vulgarização, cada vez maior, do nosso produto. Mas, devemos avançar cautelosamente e não precipitar os acontecimentos. Para com-

bater os egoismos individuais, para que a indústria marche disciplinada e harmònicamente, julgamos necessária uma fórmula em cuja elaboração se atenda a vários factores e que se não confine numa rigidez fria e inexorável, antes, seja dotada da elasticidade necessária para reajustamentos, sempre que êstes se impõham».

Muito mais teríamos a dizer. Mas, não ao snr. M. Basta de tempo perdido: que M. nos esqueça como já o esquecemos.

Resta-nos, finalmente, esperar da lealdade de «A Indústria» a transcrição dêste artigo: contudo, não a exigiremos nem tam pouco a pedimos. Setembro de 1940.

Ferreira Barbosa

## Venda de Maquinismos

Vendem-se as seguintes máquinas e acessórios da antiga fábrica de conservas «Seca de S. Jacinto» em Aveiro, onde poderão ser vistas:

- 5 Cravadeiras;
- 1 Veio de transmissão c/14 suportes e 25<sup>m</sup> de linha;
- 1 Estufa de ferro para coser peixe;
- 1 Guindaste de ferro;
- 2 Autoclaves cilíndricas;
- 1 Caldeira de vapor Fouché com bomba;
- 1 Máquina de vapor Davey;
- 2 Suportes grandes de veio de transmissão, com linha.

Tôdas as ofertas deverão ser enviadas à Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau, Praça Duque da Terceira, 24-1.º—LISBOA.

## CONSERVAS

*visita todos os meses os principais compradores dos nossos produtos.*



# Por esse mundo

Os acontecimentos vão-se encarregando de justificar a política do I. P. C. P. no sentido de procurar um meio de reprimir de uma vez a desgraçada tendência de alguns industriais portugueses para aviltar os preços de uma mercadoria cujo custo de elaboração sobe de dia para dia.

Em Londres têm aparecido ofertas de quarto club a 25/6 (aprox. 127\$50); e de quarto especial a 21/6 (aprox. 107\$50) fob., e em New York há ofertas telegráficas de Setúbal para quarto americano sem pele e sem espinha a \$10.82 (aprox. 270\$50), e para quarto 22 m/m a \$6.62 (aprox. 165\$50) fob.

Ora reconhecendo a maioria dos industriais de Matozinhos que tais fabricos não se poderiam aceitar por menos de 345\$15 e 211\$40, respectivamente, vejam os Senhores que magnanimidade aquela dos nossos colegas de Setúbal se dispõem a vender a sua mercadoria com prejuízo tão evidente—só para serem agradáveis ao tio Sam.

Ainda se as oferecêssem a tais preços aos beligerantes, poderia o acto merecer um voto de louvôr, mas assim, oferecidas aos americanos que nem regateiam nem têm o hábito de regatear...

Em face de factos como estes, que hão de fazer os agentes das fábricas de Matozinhos que recebem das suas representadas cotações de \$13.75 e \$8.00, respectivamente para o quarto americano e para o quarto 1/4 usual 22, fob.?

E o que há pensar ou fazer o mercado de Londres ao receber cotações de 28/6 e 24/6 como as mais baixas que são possíveis no centro de Matozinhos, quando lá lhes chegam preços de 25/6 e 21/6 pelo quarto club e pelo quarto especial oriundos do sul de Portugal?

Passaram-nos pelas mãos ofertas de Londres para consideráveis quantidades a 24/6 e 20/6 de club e de especiais... que talvez tenham sido aceites. E' que nós também vimos pedidos de exportadores do sul para clubs e especiais a 120\$00 e 105\$00 fob.—que ninguém aceitou em Matozinhos.

E agora recordamos a amarga conclusão com que terminou o nosso amável informador de New York: «...pois que é este (o I. P. C. P.) que deve tentar evitar que toda a indústria continue na marcha para a derrocada. Se os industriais não se defenderem dos arrastadores, outra coisa não podem esperar».

Efectivamente, é ao I. P. C. P. que cabe a árdua tarefa de corrigir e ordenar, reprimindo uma desorientação que toma fóros de loucura. Agora que, mercê de circunstâncias anormalíssimas, nos encontramos quasi só nos mercados que podem comprar, que pouca ou quasi nenhuma concorrência há a recear, é que alguns exportadores e vários industriais se lembram de promover uma desordem que a ninguém aproveita, fazendo uma concorrência vil que ninguém solicitou nem é justificável por qualquer razão de ordem económica.

Mas não é lamentável que a nossa organização tenha de intervir com medidas de carácter rigoroso para castigar desmandos de individuos cujo maior interesse seria o de evitar a necessidade dessa intervenção?

Uma revista norte-americana publicou há pouco tempo uma crónica com apreciações desprimorosas para o nosso país e para a dignidade dos portugueses.

O illustre delegado do I. P. C. P. em New-York, Sr. Dr. Francisco Guerra, apressou-se em vir à estacada protestar contra as aleivosias escritas e responder desassombradamente ao mal agradecido escriba que por aqui andou algum tempo a colher os frutos do nosso abençoado clima e a fartar-se da nossa generosa prodigalidade.

Noutro lugar inserimos a resposta do Sr. Dr. Francisco Guerra, e aqui apresentamos a S. Ex.ª os nossos cumprimentos pela elevação com que rebateu a insidiosa diatribe do repórter yankee.

CONSERVAS

# Luças & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Sob a exploração desta Firma está já em plena elaboração, no nosso importante centro conserveiro, mais uma Fábrica de Conservas de Peixe.

Ficou constituída a firma pelos senhores: Domingos e Adriano Luças, Lúcio Lopes, José Leal, Agostinho da Costa Esteves e José Viegas.

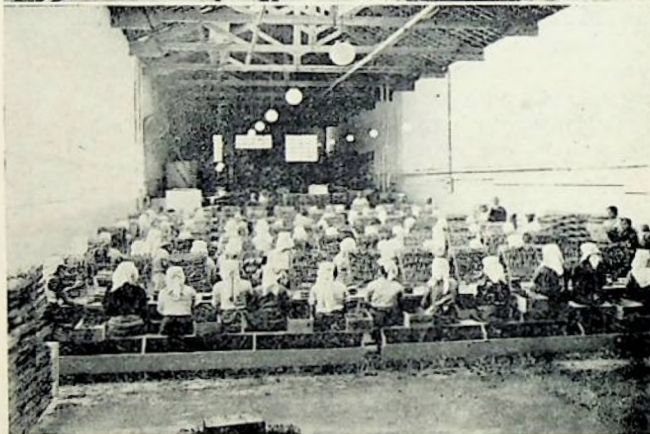
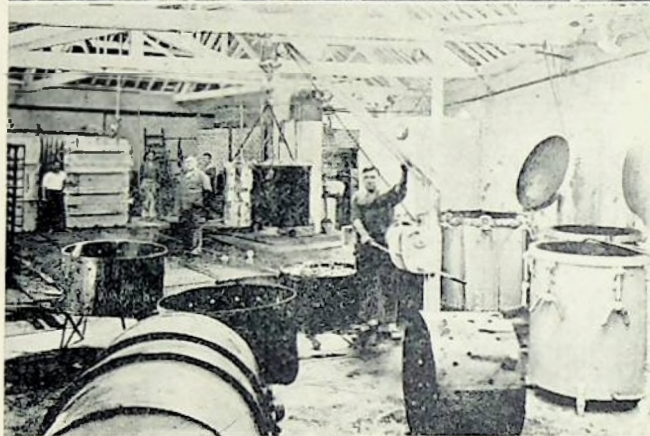
No dia 8 de Setembro, às 17 horas, procedeu-se à inauguração da Fábrica, encontrando-se a casa cheia de bons Amigos que manifestaram os seus desejos pela prosperidade da nova Firma e que bem a merece, dadas as reconhecidas qualidades de trabalho e de actividade de todos os seus componentes.

Muito francamente devemos dizer que nos deixou a melhor das impressões a visita que fizemos à nova Fábrica.

Há no nosso meio estabelecimentos fabris que se impõem pela sua capacidade e desenvolvimento, não sendo, naturalmente, o nosso propósito estabelecer confrontos. Contudo, aquela Casa, é de justiça dizer-se, deu-nos a agradável impressão de muita luz, muita vida e muita alegria, pelo conjunto de todo o seu aspecto.

No delicado copo de água com que os sócios quiseram gentilmente oferecer aos visitantes, foi acentuada a razão que assistia à nova Firma para alcançar a merecida compensação ao seu empreendimento.

Estes são os muitos sinceros votos de «CONSERVAS».



Vários aspectos do interior da nova fábrica "Luças & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>":

Descabeçamento;  
Estufagem;  
Enlatamento;  
Cravação e Azeltamento.

# CULINÁRIA

## Cosinha Internacional

Do Livro de YMANIL BELEAK

### Congro Mólho Vêrde

Limpa-se bem e corta-se em pedaços regulares. Agora põnha-se uma caçarola de barro ao fogo com azeite e quando esteja muito quente deita-se-lhe bastante quantidade de salsa e alho muito bem picado, remexendo com uma colher de pau. Em seguida junta-se-lhe uma colherada de farinha, e quando estiver bem diluída adiciona-se um pouco de água. Enquanto começa a ferver deita-se-lhe o congro cortado e uma fôlha de loureiro, um pouquinho de pimenta e sal, deixando que fêrva uma meia hora. Sirva-se na mesma caçarola envolta num guardanapo.

### Salmonete Peninsular

Depois de bem limpos seque-os a um pano. Tempere com sal e vá-os colocando numa caçarola. Isto feito, salpique-os de vinho branco, espalhe por cima mólho de tomate, e em seguida pulverise com pão ralado, alho picado e bastante

salsa também picada, tudo misturado. Agora por cima dêste azeite ou manteiga, e mêtã ao fôrno por espaço de uns 25 minutos. Depois disto coloque-os numa travessa adornando com limão cortado em rodelas e ramos de salsa.

### Salmonete à Auto

Depois de bem limpos os salmonetes, seque-os com um pano e tempere-os com sal. Agora prepare uns cartuchinhos de papel do tamanho dos salmonetes e vá os metendo dentro. Feito isto, cubra-os com uma camada de pão ralado, um pouco de pimenta, salsa picada muito fina, e sal tudo bem mexido. Em seguida salpique com sumo de limão. Depois adicione a cada salmonete uma bola de manteiga ou uns pingos de azeite, coloque-os numa lata e mêtã no fôrno pouco quente até que os salmonetes fiquem bem dourados. Servem-se nos mesmos cartuchos de papel adornados com bastante alface, rodas de limão e salsa em ramitos.

## Des excellentes conserves sont celles de la

MARCAS:

Conserveira  
Ourem  
Jofemar  
Defeza  
Jacome  
C. P.  
Fafe



Rue Souza Aroso

Rue Guerra Junqueiro



Téléph. 357-M

Adresse télégraphique:

« Conserveira »  
MATOSINHOS

Telefone, 64119

Endereço Telegráfico: JOGAR

V.<sup>a</sup> DE J. J. NUNES & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Fábrica de cartas de jogar e  
litografia sobre papeis e metais

Officinas

Escritório

R. Fradesso da Silveira, 1 a 27

R. Cascais, 53-1.<sup>o</sup>

**ALCANTARA — LISBOA**

Teleg.: AMORAS — Porto  
Código AIBEIRAO

TELEFONES: Estada 9  
Espediente 320 e 1003  
Filial: Leixões 12 M.

**A. J. Gonçalves de Moraes, L.<sup>da</sup>**

TRANSITÁRIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO  
CASA FUNDADA EM 1894

EXPEDIÇÕES  
COMISSÕES  
CONSIGNAÇÕES  
DESPACHOS, ETC.

SÉDE:  
Rua da Nova Alfandega, 18  
PORTO

FILIAL:  
Rua Carvalho Araújo, 1  
LEIXÕES

**ALVARÁ**

Pretende-se adquirir um  
alvará para cêrca de  
20.000 caixas.

Carta à redacção a N.<sup>o</sup> 3.



**Lopes da Cruz & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**  
Rua Brito e Cunha N.<sup>o</sup> 513 a 541  
MATOZINHOS — PORTUGAL



**QUE NÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...  
COMO AS CONSERVAS  
LOPES DA CRUZ E C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>  
DELETA O QUALQUER ADVER-**

Com Fábricas em:

**Matozinhos**

**Vila do Conde**

Secção de Pesca:

RUA BRITO E CUNHA, 566 a 573

---

---

CONSERVAS ALIMENTARES E AZEITE DE OLIVEIRA  
**BRANDÃO & CIA., LDA.**

---

---

**MATOZINHOS** (PORTUGAL)

Enderêço postal:  
APARTADO 33  
Matozinhos

RUA HEROIS DE FRANÇA, 415

Sardinhas  
em azeite,

Enderêço telegráfico:  
VARINA - Matozinhos  
Telefone, 65 (P. B. X.) - Matozinhos



em tomate, com  
pimenta, com limão,  
com pickles, sem  
espinha, sem pele  
e sem espinha, etc.

---

MARCAS REGISTRADAS:

Brandão, Favorita,  
Doméstica, Varina, Elrei,  
S. O. S., Lili, 33 e Seastar

DINHEIRO BEM  
EMPREGADO

COMPRANDO  
PRODUTOS DE  
QUALIDADE.



VENTRESCA

RAMIREZ



# Polpa de Tomate

Da quinta de  
Espadeiros  
CARAMUJO



Depósito em  
Matozinhos

## LUIZ VIANA

TEL. 42-M

◆ POLVO DE CALDEIRADA-LULAS DE CALDEIRADA ◆

# Sardinha do Algarve, L.<sup>da</sup>

CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE, TOMATE E SALMOURA

TELEF.: SARDINHA

## OLHÃO

TELEF. 22

Marca recomendada **Margarete**

SARDINHAS EM AZEITE PURO DE OLIVEIRA

◆ FILETES DE PEIXE AROMATIZADOS-SARDINHAS EM LIMÃO ◆

SARDINHAS DE CALDEIRADA

SARDINHAS A PORTUGUESA

# Conservas Prado, L.<sup>da</sup>

Usine de sardines à l'huile et à la tomate

Marques déposées:

**Prado  
Faina  
Barbosa  
Farnel  
Merenda  
Box**



R. Guerra Junqueiro, 559

Matozinhos  
PORTUGAL

Téléph. 327-M  
Télégr. PRADO  
Boite postale N.º 27

# BOTELHOS & OJEDA

Sardinhas em Salmoura e Prensadas—Anchovas  
em Salmoura e Filetes de Anchovas

Rua R. Ivens, 88 - MATOZINHOS - Portugal



Delicious Sardines in oil and Pure Olive Oil — Finest quality

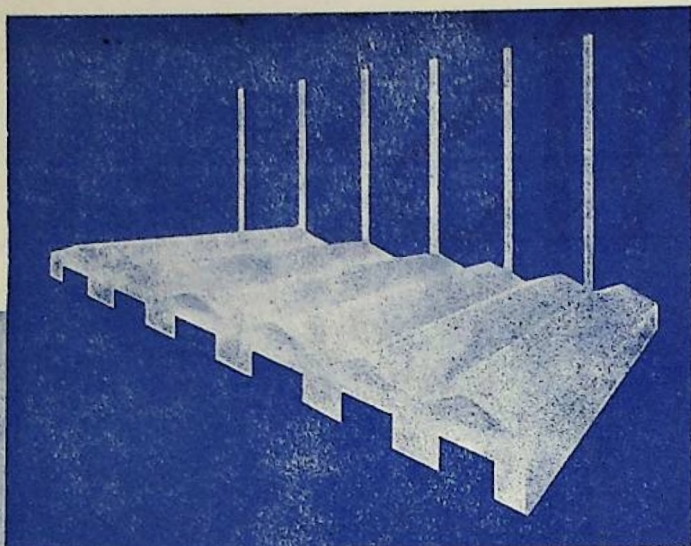
**ENDERECO  
TELEGRAFICO  
ESPECIAL  
TELEF. 107**  
CONSELHEIRO COSTA BRAGA  
RUAS: D. AFONSO CORDEIRO  
MATOZINHOS PORTUGAL


REGISTERED BRANDS


**31 — ESPECIAL — MADONNA — PADRÃO-BRAND — ATÉQUI — GRASSE**


# ALGARVE EXPORTADOR, L.<sup>DA</sup>

SIÈGE A LISBONNE




 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

6 MARQUES PRINCIPALES

**N I C E**  
**NICETTE**  
**C I N E**  
**FLORA**  
**CORAL**  
**TRIADE** **RENOMMÉE MONDIALE**



6 GRANDES USINES AU PORTUGAL

LISBOA • SETUBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARETH • MATOSINHOS

CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE

OCEAN ATLANTIQUE

LAZARO